Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

RIA DEL CARMEN DE
CASTRO E NOGUEIRA

A DA SELA VISTA, 8
ILEFONE 243 0 182
TO. AMARO OEIRAS

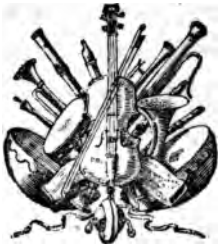
Gift of
John H. Wiggins

LELAND STANFORD JUNIOR UNIVERSITY
ORGANIZED 1891

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

Castro Sampaio, Manuel de
4

ENSAIOS POETICOS.



BADAJOZ, 1858.

TYPOGRAPHIA DE DON GERÓNIMO ORDUÑA,
EX-CONVENTO DE SAN GABRIEL.

A cargo de A. Lopez Bustos.

pmd

PQ9261
C484 E6

Illmo Exmo Sr.

Os reiterados pedidos de alguns amigos teem-me resolvido a publicar os meus ensaios poeticos, comtudo nunca o farei, sem que previamente os submetta á erudita censura de V. Ex.ª; e se m'o permitte, peço-lhe o especial favor de dizer-me com franqueza se os acha, ou não, dignos de publicidade.

Tenho a honra de sêr com a mais alta consideração de V. Ex.ª agradecido e verdadeiro amigo

Elvas 5 de Janeiro de 1858.

Manoel de Castro Sampaio.

Estimavel Amigo Sampaio.

Vi com verdadeira satisfação, e grata curiosidade a collecção de pequenos poemas, sob o titulo de **Ensaios poeticos**, *que vos dignaste submetter á minha apreciação e exame; e como, já ha alguns annos, em Valença do Minho, a leitura de outras semelhantes producções da vossa melodiosa Musa me conduzisse a formar justo conceito da louvavel inclinação que tendes á mais bella das bellas artes — a poesia — e do bom gosto que manifestaes tanto no que respeita á escolha dos assumptos, como á propriedade e cadencia da respectiva metrificação, estou, por tanto, convencido de que fareis um bom serviço á litteratura patria entregando ao prelo os referidos mimosos* **Ensaios.**

Acreditai sinceras estas minhas expressões, e contai com a permanencia da inalteravel estima do—

Vosso affeiçoado amigo

Frederico Leão Calheira.

Elvas 25 de Fevereiro de 1858.

AO ILL.^mo E EX.^mo SR. FREDERICO LEÃO CABREIRA DE BRITO E ARVELOS DRAGO VALENTE,

DO CONSELHO DE SUA
MAGESTADE FIDELISSIMA, FIDALGO
CAVALLEIRO DA SUA
REAL CASA, COMMENDADOR NA ORDEM DE AVIZ,
E NA AMERICANA HESPANHOLA
DE IZABEL A CATHOLICA, LENTE DE FORTIFICAÇÃO
NA ACADEMIA MILITAR
DA INDIA PORTUGUEZA, SOCIO DA ASSOCIAÇÃO
MARITIMA E COLONIAL PORTUGUEZA,
E NA AFRICANA DE PARIZ,
BRIGADEIRO DOS REAES EXERCITOS,
E COMMANDANTE DO MATERIAL DE ARTILHERIA
NA 1.ª DIVISÃO MILITAR, ETC., ETC., ETC.,

como testemunho de verdadeira e reconhecida amizade,

offerece

Manoel de Castro Sampaio.

EU.

Vou cantar; por que só cantos
Podem enxugar os prantos
Que derramo, ha annos tantos,
Na minha vida de dôr!
Apenas tenho encontrado
Lenitivo desejado
Na lyra, brazão sagrado
Que Deos deu ao trovadôr.

Encantadora poesia,
Tu és a maga harmonia
Das harpas que a fantasia
Dedilha no coração;
Por ti a minh'alma sente
Da paixão o fôgo ardente;
Heide amar-te eternamente,
Cumprir a minha missão.

Filha do genio p'regrina,
És uma perola fina,
Que até na voz argentina
Dos anjos brilhas sempar;
Da fama da heroicidade
És o fanal, que sempre hade
Em toda a posteridade
A luz immensa ostentar.

Em ti descubro portentos,
Abalizados talentos;
Em ti brilham pensamentos
Que parecem vir dos céos!
Convertes em alegria
A minha melancolia;
Vou entoar-te, poesia,
Encetar os cantos meus.

A PRIMAVERA.

Chegaste, primavera desejada,
Alfim chegaste, amor!
Vens de galas do céo ataviada
P'la mão do Criador.

A paz da natureza, quadra linda,
Em ti se vê brilhar.
Quem ha que te não diga—sê bem vinda!
—Ao ver-te despontar!

Nos gorgeios te louva a philomela
Por entre o salgueiral;
De purpura se tinge a rosa bella
No mimoso rosal.

Saúda-te o regato, que murmura
Suavemente alem;
Mil perfumes exhala entre a verdura
A candida cecem.

Modúla a toutinegra os ledos cantos
Na vasta solidão;
O velho pegureiro, os monjes sanctos
Um puro amor te dão.

Pela encosta selvatica do monte,
Que o inverno fez tremer,
Gazella esbelta sobe, alçando a fronte,
Tão cheia de prazer.

No silvo a cobra, no rugir a féra,
O abutre no grasnar
Com profundo respeito, primavera,
Saúdam teu chegar.

Por ti os sêres todos se enamoram,
Oh flôr das estações!
As zagalas com frio já não choram,
Mas erguem-te canções.

Alem, atravessando altas collinas;
Cantando em côro vão
Innocentes pastoras pequeninas,
Que anjinhos inda são.

A borboleta nos vergeis cheirosos
Se vê a doudejar
Co'as rosas, e botões dellas mimosos
Na haste a balouçar.

As campinas se vestem d'esmeralda,
E as águas são d'anil
D'arroios que deslizam pela falda
Da serra d'alcantil.

Chegaste festival, quadra das flôres,
Para os prados ornar,
E d'alegria exultam os pastores
Ao verem-te assomar.

As agrestes avenas vão tocando
Por entre o gado seu,
E nos serros alpestres festejando
O sacro chegar teu.

O boi, a mansa ovelha, alvos cordeiros
Congratulados vão
Rodeando os zagaes, que prazenteiros
Encomios mil te dão.

E quem não ha de amar-te com vehemencia,
Se és bella, e sem rival!...
Se com todos os entes tem clemencia
Teu sôpro divinal!....

. . . . . .

*

As noites de primavera
Que lindas noites que são!...
A lua em fulgir se esmera;
E o pyrilampo entre a hera
Surge com brilho loução.

As estrellas, engastadas
Nos puros, limpidos céos,
Ostentam luzes dobradas
Nestas noites bem fadadas
Pela sancta mão de Deos.

Mui satisfeito e tranquillo
Está na relva a cantar
Com as azas debil grillo,
Que, abandonando o asilo,
Vem a lua desfrutar.

Por entre as rochas alpestres
Já não geme o furação,
Nem esses robles silvestres,
Ou os arbustos campestres
Açoutados delle são.

E'uma paz verdadeira;
E nada a póde turbar;
Apenas briza ligeira
Vem mui suave e fagueira
As folhinhas agitar.

Este socego completo
Todos gostam de fruir;
Té o proprio exiguo insecto
Vai, d'alegria repleto,
Pelos ares a zumbir.

A deshoras namorado,
Nesta quadra tão feliz,
Está d'amor transportado,
Por saber que é muito amado
Pela amante, que lh'o diz.

A linda quadra das flôres
E'dos amantes tambem;
Esmalta o prado de côres
E produz ternos amores
No que Deos criado tem.

E, se a aurora com seu manto
Vem as trevas dissipar,
Da natureza outro encanto
Contemplo n'um quadro sancto,
Que só Deos póde formar.

O rio solta o murmurio;
Trina alegre o rouxinol;
O pastor deixa o tugurio,
E vê surgir o purpureo
E matutino arrebol.

São ceruleas as ribeiras,
Os lagos mostram-se azues,
E delles sahem ligeiras
As rãs, e vão prazenteiras
Coaxar por sobre os paúes.

Brinca o zephyro sereno
Com as folhas do jasmim;
E, dando um assôpro ameno
Ao aromatico feno,
Vai oscular o alecrim.

Como a planta delicada
Nos apparece louçã!...
Sua folha recortada
'Stá com primor argentada
Pelo roscio da manhã.

Quanto é bello o luminoso
Sol nascente a entrar no val!...
Se o caracol espumoso
O sente no tronco annoso,
Sái da conchinha espiral.

E quando surge no empyreo
Deseja vel-o raiar
Dos bosques o pobre lirio,
Já que soffre esse martyrio
De nunca a briza o beijar.

Oh!... como são tão formosas
As tardes do lindo Abril;
E' quando os cravos e rosas
Se ostentam nas mãos mimosas
Da virgem casta e gentil.

Eu não sei; mas acredito
Que alta alegria só ha
Nesta quadra, pois escripto
Em qualquer planta, ou granito
O saber de Deos está.

Quem me déra têr um plectro
Como aquelle de Camões,
O rei das trovas, que o sceptro
Ganhou pelo excelso metro
Das suas divas canções.

Por que então te offertaria,
Oh primavera—meu bem!
Poema em que mostraria
Feudo d'amor, sympathia,
Que todos pagar-te vem.

Mas é pobre este alaúde,
Que aqui me vês dedilhar,
Por isso sómente pude
Aos sons delle um canto rude,
E bem singelo entoar.

SONETO

AO MEU INTIMO AMIGO O ILL.mo SR.
J. M. L. S. LEITE.

A tu'alma repleta de nobreza;
Teu espirito vasto e tão profundo;
Teu gesto suavissimo e jucundo,
Em que se aprimorou a natureza;

Tuas virtudes, onde ha só belleza;
Teus actos a brilhar perante o mundo;
Teu proceder honrado, que segundo
Será raro encontrar na redondeza;

A do teu coração summa bondade;
A tua locução, sciencia ingente;
A tua desvelada humanidade;

Teus dons; teu natural tão excellente
Contemplei, consagrando-te amizade
Perenne, cordial e vehemente.

PORTUGAL.

Do nobre Portugal já não tremulam
Nas praias do oceano derradeiras
Entre os lusos soldados, como d'antes,
As gloriosas, inclytas bandeiras;
Mas talvez no porvir as quinas voem
Pelo mar como as aguias mais ligeiras!

* * *

A minha patria querida
Ante o mundo a fronte alçou;
Foi respeitada e temida;
Guerreiro berço a embalou!
Da sua força pod'rosa
A tropa mais bellicosa
Cabisbaixa trepidou!

Teve a palma das victorias
Esta potente nação;
Sempre c'roada de glorias
Hasteou sacro pendão!
Do seu poder sobr'humano
Té o fremente oceano
Tremeu nas eras d'então!

Os seus valentes soldados,
Nascidos p'ra guerrear,
Orgulhosos, esforçados
Foram mares devassar;
Demandaram atrevidos
Por caminhos não sabidos
Longes terras d'alem-mar!

E lá da patria distantes
Mostraram feitos sempar,
Que as nações as mais gigantes
Pararam a contemplar:
Quantos sceptros esmagados,
E quantos reis humilhados
Viram no chão a rojar !!!

De phalanges, em defesa,
O deserto se inundou,
Mas a hoste portugueza
Seu valor aos pés calcou!
Portugal, em gloria immerso,
Por esse mundo disperso,
Ao mundo leis outhorgou!

E, depois de no Oriente
Sèr d'um imperio senhor,
Ostentou nome eminente
De reino conquistador;
E viu bem longe espalhada
Sua alta fama, ganhada
Das batalhas no calor.

Mas o valor de seus filhos,
Declinando, feneceu;
Das lanças perdendo os brilhos,
O nome tambem perdeu!
Com seus heroes sublimados
Lá na mansão dos finados
Sem alento se escondeu!

O reino, que em toda a parte
Com orgulho e altivez
Tinha arvorado o estandarte
Por um braço portuguez,
Pobre agora tem sómente
P'ra sinal da gloria ingente
As trovas que Camões fez!

E as nações, que vezes tantas
Portugal fez abalar,
Que de rojo ás suas plantas
Vinham-lhe feudo legar,
Casam as dextras no mundo,
Rindo do somno profundo
Que assim nos faz repousar!...

Lançam desprezo aviltante
Sobre a lousa sepulchral
Que encerra a antiga e possante
Tropa do meu Portugal!
Cospem sarcasmos agora
No povo que foi outr'ora
Quasi rei universal!!!

Ah!... que até se me figura
Que vejo reappar'cer
Os que foram com bravura
Remotos mares fender!
Que os vejo armados de lança!
Que os ouço bradar—vingança!
—C'uma voz que faz tremer!

Mas, patria, novo astro (*) alçado
Nos teus céos fulgura já!
E teu duro, negro fado
Um dia se acabará;
Desse somno vergonhoso
Um teu filho (*) o mais mimoso
De certo te acordará.

Possa a luz da esp'rança a venda
Dos olhos teus dissipar;
Outra vez possas tremenda
Trophéos ao mundo ostentar!
Se hoje não tens altas glorias,
Pódes de novas victorias
Os laureis inda ennastrar!

(*) Allude a Sua Magestade o Senhor D. Pedro V.

Erguer-te pódes de novo,
Outra vez pódes surgir
P'ra firmar ao luso povo
Mil venturas no porvir!
Surge! surge! patria q'rida!
Que te quero engrandecida
Vêr no mundo inda fulgir!

DÉCIMA

A UMA SENHORA ELVENSE.

Donzella, tens da belleza
O nobre, mago condão;
Tens angelica pureza
No virgineo coração!
Ès de certo anjo innocente,
Baixado do céo luzente
P'ra sacra missão cumprir,
Por que ostentas bem ao mundo
No rosto lindo e jucundo
Casto, divino sorrir!

A TRAHIDA.

Poesia escripta no Album da Ex.ma Snr.a

D. M. A. S. P.

O' ingrato, mui perfido amante!
O' cruel, fementido, traidor!
¿ Olvidaste, sem dó, n'um instante
Toda a minha ternura e amor?!

(De mãi querida
Mimos gozei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

¿Já não tens a lembrança de quando
Vez primeira n'um templo te vi?
Onde, os olhos nos teus eu fitando,
Tanto amor no meu peito senti!...

(Feliz a vida
Pueril passei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

¿Esqueceste o pudor, que em meu rosto
Innocente eu então te mostrei?
¿E até mesmo que, cheia de gosto,
Meus primeiros amores te dei?

(Doce avenida
Sempre pisei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

¿Teu amor, cuja meta transpunhas,
Envolveste do olvido no véo?!
¿Não recordas que são testemunhas
Dos teus votos estrellas do céo?

(Do mundo a lida
Não supportei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

¿Não te lembras da fé e da esp'rança
Com que a pobre donzella te ouviu,
Quando em noite serena alliança
Lhe juraste, que a lua bem viu?

(Que era mui fida
Sempre mostrei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

Deslembraste!... Que crime tão feio!
Que medonha e cruel sem-razão!..:
Tigre féro, e não homem te creio;
Pois, qual homem, não tens coração.

(De dôr pungida
Nunca chorei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

Tem cautéla, perjuro!... maldito!
Com o meu infinito rancor,
Que a vingança que agora medito
Hade ao mundo causar grande horror!

(Sêr desabrida
Jamais cuidei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

Mas que digo?!... meu Deos!... enlouqueço!
Se eu sou fragil, bem fragil mulher!...
Sou um ente infeliz..... appeteço
Neste mundo sómente o morrer!

(Que era illudida
Nunca pensei,
Mas fui trahida
Logo que amei!)

O ENGEITADO.

Essas caricias tamanhas
De mãi nunca conheci;
Fui lançado em mãos estranhas
Logo, logo que nasci!
Da minha infancia nos annos
Os tratos mais inhumanos
De crueis amas soffri!

Com frio pela nudeza,
Amargo leite mamêi;
Nos andrajos da pobreza
Tristemente me criei!
E, em todos vendo inclemencia,
Só na sancta Providencia
Eu pranteando esperei!

Esse carinho esmerado
D' um materno coração;
Esse arrolar tão sagrado
D'uma irmã, ou d'um irmão
São venturas que eu não tive
Nesse berço que inda vive
Na minha recordação.

Não tive!... que, abandonado
De familia, fui penar!...
Mas de noite socegado
Tinha ás vezes bom sonhar!
E só nos meus sonhos puros
Esquecia os tratos duros
Que me estavam sempre a dar.

Nessa illusão innocente
Quantas vezes me par'ceu
Que a mão beijava rev'rente
Daquelle que o sêr me deu!
Que escutava de joelhos
Os seus proficuos conselhos,
Depois que rezava ao céo!

Porém mais dôr supportava
Ao dissipar-se a visão;
Cruel martyrio me eivava
D'anno em anno o coração!
Mas alfim raiou-me o dia
Em que alcançei alforria
Dessa minha escravidão!

Eu cresci; e a liberdade,
Este nome sancto amei,
Que o bem; a felicidade
Nella sómente encontrei!...
O' liberdade divina!
A ti mesmo a hyena f'rina
Amor consagra! bem sei.

Das masmorras nas entranhas
Converte o medo e terror
Em alegrias tamanhas
O teu brado, o teu clamor!
Quando o preso a vêr teu rosto
Chega um dia, oh com que gosto
Te dá elle o seu amor!!

Mimoso cantor alado
Vai nos bosques gorgear
Por ti todo enamorado,
Com alegria sempar!
O teu clarão, que irradia,
Parece o astro do dia
N'amplidão a fulgurar!

E eu sou livre como a briza
Que oscular as flôres vái,
Ou qual água, que desliza
Pela serra donde cái;
Sou livre como a centelha
Quando, em meio da procella,
De nuvens medonhas sái.

O que tem patria e parentes,
Irmãos, esposa tambem;
Que tem filhos innocentes;
Que pai e mãi inda tem
Goza, mas se magoada
Vê sua familia amada,
Supporta tormentos cem:

E se um dia negra sorte
Delles o chega a apartar,
Hade por certo a dôr forte
Da saudade èxp'rimentar!
Vive desgostoso e triste!
Sempre nelle a pena existe,
Sem um momento o deixar!

Ao passo que o engeitado
Saudades não soffre, não;
As terras que tem pisado
Todas sua patria são!...
Comtudo bem póde ainda
Vêr donzella meiga e linda
Pelo prisma da paixão....

Bem póde... mas a beldade
Melhor não hade prender
Minh'alma, que a liberdade
Eu jamais quero perder.
Sou só; mas tenho alegria,
De todos a sympathia;
E' feliz o meu viver.

MARQUEZ DE POMBAL.

«Ditosa patria, que tal filho teve,
«Mas antes pai, que, em quanto o sol rodéa
«Este globo de Ceres e Neptuno,
«Sempre suspirará por tal alumno.

«Vereis amor da patria não movido
«De premio vil; mas alto e quasi eterno.»

CAM. LUS.

Foi ministro sem segundo
O grão Marquez de Pombal,
Que pelo espaçoso mundo
Fez respeitar Portugal.

Como egregio magistrado
Legislou proficua lei,
Dirigindo a náo do Estado
Bem a prol da lusa grei.

Vendo a patria soffrer tanto,
As sobrancelhas franziu;
E aos grandes, ao Padre Sanc
Logo o poder restringiu!

Preclaro rei, que soubéra
O talento apreciar,
Entre todos o escolhêra
P'ra tal cargo lhe outhorgar,

De ignobil somno acorda
Aos profundos brados seus
Portugal, e após recorda
A' Europa os seus trophéos!

O Marquez ás nações dinas
Do mor respeito fez vêr
Que o reino das sacras quinas
Potencia tornava a sêr.

Animou a agricultura,
Proscreveu autos da fé;
Abrogou leis... que a ventura
Só nas suas leis se vê.

A' lusa tropa tão fida
Fez de novo conhecer
Respeito... pois consolida
Até dos reis o poder.

Com seu braço assignalado
A policia regulou;
E logo as rendas do Estado
Bem justamente augmentou.

O commercio protegêra;
Fizéra as artes brilhar;
E ao novo mundo estendêra
De Lisboa o seu olhar.

Com a dextra sempre alçada
Para o bem desta nação,
Animou a nossa armada,
A feliz navegação.

Augmentou muito os productos
Daquelle rico Brazil;
Fez probos os dissolutos;
E libertou indios mil.

Co'o desperdicio acabára
Da prodiga direcção
Da India, que começára
A sêr boa c'lonia então.

Ao seu nome estremeciam
Roma, Londres e Pariz!
D'alem-mar tribus temiam
A patria d'Egas Moniz!

Quando o grande terremoto
Nossa Lisboa abysmou,
Sobre as ruinas immoto
Meditando elle ficou!

Entre o povo, a quem sinistro
Pavor tirou a razão,
Esse erudito ministro
Fez cessar a confusão!

Mil ranchos de malfeitores,
Grandes bandos de ladrões
Surgiram com taes furores,
Quaes as lavas dos volcões!

Oh que canceira infinita
Ao vêr isto elle não tem!...
Vela sempre, nem dormita,
Mas medita e pensa bem.

O seu braço prepotente
E tão temido moveu;
E c'um acêno sómente
Punição ao crime deu!..

Da triste calamidade
Em meio, sem se aterrar,
Da justiça a integridade
Nunca deixou de mostrar!

Sobre o exicio de Lisboa
Occupar-se então vai já
D'uma obra eximia a mais boa
Que em todo o mundo se dá!

Com patrio amor, com desvelo
Sabiamente edificou
Essa cidade modelo,
Que em grande emporio tornou!

Simulacro eril, equestre
Do monarcha dom José
Por todo esse orbe terrestre
De certo ignoto não é.

Com a fama delle o nome
Do Marquez hade viver,
Que o tempo, que tudo come,
Não nos faz delle esquecer!

Na companhia execranda,
Que chamavam — de Jesus!
— Que a cilada em toda a banda
Urdia á sombra da cruz;

No sacerdocio, que enchia
De desgraças a nação,
Cuja maldade encobria
Com a vil superstição;

Nesses padres egoistas,
Que causavam com ardil
Aos fidalgos, aos artistas
E aos proprios reis damnos mil

Facilmente descobrira
Horrivel trama o Pombal;
E a poucos passos se vira
Livre delles Portugal!

Eram mui sabios, arteiros;
Mas com o nobre Marquez
Não poderam sêr matreiros
Nem sequer uma só vez!

Oh como elle fez ditoso
De dom José o reinar!..:
Pois sempre judicioso
Soube o rei aconselhar.

Se Tasso, Petrarcha, Miranda nest'hora,
E o Dante podessem as harpas tanger;
E o grande poeta Camões com sonora
Tiorba a orchestra podesse reger;

E juntos cantassem, de sorte que a fama
Seu nome bradasse nos pólos até,
Não muito seria; pois mesmo n'um Gama
Mais inclytas obras a patria não vê!

O' rei dos ministros! o' genio eminente!
Que gloria na fronte sempar te brilhou!
Lá quando teu braço temido e potente
Um clero sedento de sangue expulsou!

Quem houve na terra que mais se elevasse!..
Quem póde no mundo comtigo hombrear!...
¿Que heroe haveria, que a Musa cantasse,
Que tu'alta gloria podesse offuscar?!

Nenhum!... e por isso mereces poema,
Nascido de lyra divina, immortal;
Mas eu, que não posso dar-te esse diadema,
Apenas bem pouco te dou, ó Pombal!

CONTEMPLAÇÃO.

Olhos pretos, engraçados;
Risos cheios de doçura;
Cabellos ebanizados.
Em frontes de neve pura;
Um fallar tão donairoso;
Um despejo; um garbo airoso;
O typo da perfeição
Contemplei nas lindas damas
De Badajoz; e entre flammas
Se abrasou meu coração. . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Recordações de Judith.

Ao sol posto um cavalleiro,
Que já não era novel,
Com esporas d'ouro fino,
Montado em negro corcel,
Lançou-me com torva face
Olhar medonho e cruel!

Eu, ao vêl-o, ao encaral-o
Da dubia luz a través,
Com manoplas, elmo, espada,
Grevas, cota, escudo, arnez,
Fiquei transida do susto
Que o cavalleiro me fez!

Conheci que era Sueiro,
Repleto d'ira e rancor,
Por eu amar dom Duarte,
E rejeitar seu amor!
E delle a vingança horrivel
Me encheu de medo e terror.

Veio a noite; e dom Duarte,
Sósinho de mim ao pé,
Do seu amor me fallava,
Em que eu tinha esp'rança e fé:
Oh!... quão feliz entre amantes
Um tal momento não é!

Porém quando só havia
Um amor puro entre nós,
Quando d'união perpetua
Ali fallavamos sós,
Appareceu-nos um homem
De catadura feroz!

Voltou-se p'ra dom Duarte
Com um montante na mão,
E disse:—«O' tu, cavalleiro,
«Que és das damas campeão!
«Vai-te d'aqui, se não queres
«Rojar morto nesse chão!»

Dom Duarte, vendo a audacia
Com que esse estranho fallou
Na quadra, onde tantas vezes
O seu amor me jurou,
A dextra lançou á espada,
E ante o maldito a vibrou.

Mas da quadra as debeis portas
Se abriram de par em par,
E um bando de scelerados
Eu vi com armas entrar!...
Debalde quiz dom Duarte
Tantos homens debellar.

Um desalmado bandido
Sobre elle descarregou
Tão fundo golpe, que em terra
O meu querido lançou;
E uma syncope medonha
O coração me atacou.

E, quando voltei á vida,
N'uma caverna me achei!
E por entre duros ferros
Convulsiva deparei
Com malvados bandoleiros,
Que não temem Deos, nem lei!

N'um antro bem pavoroso
Eu oito dias jazi:
Era, qual fel, o alimento
Que me traziam ali!...
Porém quando mal pensava
Dom Sueiro armado eu vi!

Elle era filho d'Affonso;
Tinha mui nobre brazão;
Descendia dos Menezes;
De dom Duarte era irmão,
E dos vis salteadores
Chefe clandestino então!!

Nelle fervendo a vingança
Por lhe eu negar meu amor,
Ordens deu, que os malfeitores
Cumpriram logo sem dôr!...
E fui roubada por gente
Afeita a crimes d'horror!...

E quando eu vi esse monstro
Na minha prisão entrar,
Não sei como inda sentia
O meu triste seio arfar,
Pois ao seu crime outros crimes
Vinha o monstro accumular!...
. . . . . .

Mas Duarte, cujo golpe
De ligadura cingiu,
A prisão, onde eu me achava,
Facilmente descobriu!
E veloz, qual pensamento,
Para ali se dirigiu.

Chegou a tempo!... e do féro
Dom Sueiro me livrou,
E depois entre alegrias
Commigo se desposou;
Mas na caverna p'ra sempre
Dom Sueiro se occultou.

E matou-se o miseravel
Em desespero febril,
Cujos ossos dom Duarte
Achou no infame covil,
Quando desses malfeitores
Acabou co'a raça vil.

NENIA

á prematura morte de uma Senhora.

« Assim como a bonina, que cortada
« Antes de tempo foi, candida e bella,
. . . . . .
. . . . . .
« O cheiro traz perdido e a côr murchada,
« Tal está morta a pallida donzella. »

CAM. LUS.

¿O' donzella meiga e terna!
Quem os olhos te cerrou?
¿Quem tão cedo á noite eterna
Teus passos encaminhou?!
¿Quem da tua fronte nobre
N'um leito, que o luto cobre,
As lindas rosas murchou?!

¿Quem, ao vêr-te moça e bella,
O teu donaire extinguiu?
¿Quem a dôr, que o peito gela,
No coração te insculpiu?
¿Quem por escura avenida,
Inda n'aurora da vida,
Ao nada te conduziu?!

Foi a morte; e amargo pranto,
Que dos meus olhos rebenta,
Banha-me a lyra, que um manto
De crepe bem negro ostenta;
E o pregão tão funerareo,
Que sai lá do campanario,
Mais a minh'alma atormenta.

Tu deixas os pais saudosos,
A dar ais, a soluçar
Neste mundo, onde extremosos
Te souberam tanto amar,
E, no feretro encerrada,
Baixas á campa enlutada,
Onde o mocho vai piar.

Oh! se podesse acordar-te
Do gelado somno teu,
E da tumba levantar-te
O canto sentido meu,
Eu não cessára um momento
De trovar com sentimento
De erguer minha voz ao céo.

Porém não póde, que ao mundo
Quem morreu não torna a vir,
Por que n'um somno profundo
Fica p'ra sempre a dormir:
Mas a dôr a voz me tira;
E da minha pobre lyra
Mais não posso as cordas f'rir.

POESIA

a uma Senhora Portuense.

Se o teu nome, sublime cantora!
Em meus carmes não posso exaltar,
Pelo menos me dá que nest'hora
Minha lyra a teus pés vá pulsar.

Tu, que sabes dos anjos os cantos
Facilmente na voz traduzir,
Tens magia, celestes encantos,
Tens na terra ditoso existir.

Foste aqui neste solo fecundo
Embalada n'um berço feliz!
Tu nasceste na terra, que ao mundo
Provou que era dos genios paiz!

Já te vejo na fronte divina
Diadema fulgir perennal!
És das filhas a mais peregrina,
A mais nobre do meu Portugal!

Quando vais com prazer, donairosa
Ao piano canções modular,
És qual ave canora e mimosa;
O teu canto me faz enlevar.

E ao cantares ostentas na frente
Tua c'rôa de mago fulgôr;
Pelo canto suave sómente
Tens um nitido solio d'amor!

Póde sêr por teu brilho offuscado
Té dos genios da Italia o melhor!
És um anjo!... e d'haver-te cantado
Congratula-se o pobre cantor.

LUIZ DE CAMÕES.

Poesia escripta no Album do meu intimo Amigo

J. M. M. de Mello.

«Os desgostos me vão levando ao rio
«Do negro esquecimento e eterno somno:
«Mas tu me dá que cumpra, ó grão rainha
«Das Musas, o'o que quero á nação minha!»

CAM. LUS.

Esse genio tão subido,
Que entre os vates brilhou só,
Pela inopia foi pungido
Sem ninguem delle têr dó!
Cantou-nos a gloria ingente;
E com a patria na mente
Perdeu a fronte eminente,
Converteu-se em triste pó!

Foi um soldado, que a vida
Consagrou a Portugal;
E, sem têr outra guarida,
Morreu n'um pobre hospital!
E' este que a altiva fama
D' Albuquerque, Castro, Gama
E d' outros heroes proclama
No seu poema immortal.

Foi o que nas fibras d'alma
Acerbas penas soffreu;
O rei das trovas, que a palma
Ninguem mais que elle mer'ceu;
O que erigiu a memoria
Dos trophéos da nossa historia,
Aonde de Nuno a gloria
Brilha, qual astro no céo!

Foi quem a fidelidade
Cantou do Egas Moniz,
E quem chorou com piedade
D'Ignez a sorte infeliz,
O desditoso poeta,
Que tocou da dôr a meta!...
Elle mesmo com selecta
Elocução bem o diz..

Em verdes annos sentira
No fundo d'alma o amor;
Como Tasso possuira
Um coração amador;
Mas inimiga cilada,
Nos reaes paços formada
Apartou da sua amada
O malfadado cantor.

Desterrado em Ribatejo,
A tiorba dedilhou;
E d'amor um lindo arpejo
A Natercia dedicou.
Ali concebeu a ideia
Da sua vasta epopeia;
E a vida d'angustias cheia
A' d' Ovidio comparou.

Longe da patria lutando
Se viu depois pela fé;
A' maura gente mostrando
Como a espada lusa é;
E no peito, onde cingia
O aço duro, sentia
A saudade, que carpia
Dias inteiros até!

Navegando pelos mares
De medonhos escarcéos,
Do Ganges vira os palmares,
E da India adusta os céos.
Em meio de soffrimentos,
De desgostos, de tormentos
Com altivos pensamentos
Proseguia os carmes seus!

E lá na India, onde esteve
Cevando no peito a dôr,
No féro Barreto teve
Um cruel perseguidôr!...
Pôr est'homem desalmado,
A'vil torpeza entregado,
Foi ao desterro mandado
Dos poetas o primôr!!

De Macáo na umbrosa gruta,
Que hoje chamam—de Camões,
—Qual cisne, na voz arguta
Alçou divinas canções!...
Ali, onde os magos cantos,
Que nos deu, ornou d'encantos,
Teve uma vida de prantos,
Eivada pelas paixões!

Depois tendo naufragado,
Tudo perdeu, mas salvou
O livro seu, que molhado
Pelo salso mar ficou!
E, de Camboja partindo,
Apenas vai possuindo
Aquelle poema lindo,
Que o luso nome exaltou.

Em Gôa menos pungido
Foi do severo penar!
N'um guerreiro esclarecido
Viu seu anjo tutelar;
Porém faltou-lhe o guerreiro,
Seu defensor verdadeiro;
E por outro traiçoeiro
Viu-se atrozmente aviltar!!..!

Uma esp'rança lisongeira
Inda o peito lhe animou:
D'amor a crença primeira
Nunca d'alma desterrou!
Mas uma mágoa mais dura
De que a propria morte escura
Sente, quando á sepultura
A terna amada rolou!

Volta á patria; e negra fome
Soffre pela ingratidão
Desse povo, cujo nome
Fez d'eterna duração!...
Da triste esmola vivia,
Que o jáo de noite pedia,
Mas as penas, que soffria,
Mataram-lhe o coração.

Depois dessa repentina
Perda em Alcacer-quivir,
Seu coração vaticina
O mais funesto porvir;
Pela patria o rosto enchêra
De lagrimas, que vertêra,
E com a patria morrêra,
Sem poder mais resistir.

Foi c'um sentido lamento
Que ao abandono expirou!
Pois a ninguem seu tormento,
Ou morte sua importou!!
Sendo um bardo sublimado,
Foi por todos desprezado!!
E só o seu Tejo amado
Nos murmurios o chorou!!

Saudade e Esperança.

« Saudade! gosto amargo de infelizes,
« Delicioso pungir de acerbo espinho,
« Que me estás repassando o intimo peito
« Com dôr que os seios d'alma dilacera,
« — Mas dôr que tem prazeres; — . . . . . »

GARRETT. CAM.

Donzella! contar-te quem póde o tormento,
Que soffre meu peito, pulsando por ti,
Se é dôr ineffavel da funda saudade,
Que longe dos olhos teus n'alma senti...

*

Saudade!.. sim, a saudade
A doce filha d'amor,
Aquelle bem magoado,
Aquella suave dôr...

Saudade! que quando nasce
D'ausencia no coração,
Já lá têm nascido affectos,
Já lá existe paixão...

Saudade! que é o tormento
Em que se encontra prazer...
Saudade! gozo ineffavel,
Que me faz tanto soffrer.

*

Eu soffro a saudade das horas ditosas,
Das horas d'encanto que pude gozar,
Das horas gostosas d'amor que na lyra,
Bem pobre d'engenho, não posso explicar.

★

Oh! quando me lembra
Que junto a teu lado
Gôzei doces horas
No tempo passado,

E que hoje só tenho
Tristezas aqui,
Vivendo tão longe,
Distante de ti,

Qúe angustia tão forte,
Cruenta e fatal
Não soffro!... e sómente
A esp'rança me val.

★

Se em noites serenas eu vejo as estrellas
Fulgir, e contemplo da lua o fulgor,
Recorda-me a noite feliz, quando ouviste,
Donzella! o meu canto primeiro d'amor.

E após se da lyra saudosa aqui vibro
A corda sensivel, que a amor consagrei,
Por ti só suspiro tão fundos suspiros,
Que iguaes de minh'alma jámais suspirei.

*

Mas, ó virgem, eu creio que um dia
Minhas mágoas extinctas serão;
No porvir inda espero outros tempos
Como os tempos que findos já são.

Outra vez ouvirei de teus labios
Copiosos protestos d'amor;
Outra vez me darás teus sorrisos,
Ostentando na face o pudor.

*

Donzella! ainda seremos
Os mais felizes amantes;
Inda havemos têr momentos
Venturosos como d'antes!...
Nunca esp'ranças se entibiem
Em ti, que em mim são constantes.

PRESENTIMENTO E SONHO.

Quasi ao sol posto
Mostrei no rosto
A do desgosto
Livida côr:
O que sentia
Nem eu sabia,
Porém soffria
N'alma uma dôr!

A noite umbrosa
Bem pressurosa
Luz duvidosa
Do sol venceu:
Presentimento
Tive cruento
Que o passamento
Quasi me deu!

Foi um misterio
Do sancto imperio
Que o solio ethereo
Me indigitôu!...
Logo ancioso
E cuidadoso
Um receoso
Caminho vou!

Com pezar duro
Amigo puro
No leito escuro
Da morte achei!
Que dôr intensa!...
Que mágoa immensa!...
Sem mais detença,
Não supportei!!

Então absorto,
E sem conforto
Ligado ao morto
Prantos verti:
Com meu amigo
Para o jazigo
Que ia (bem digo)
Cuidei ali.

Pena maldita,
Que a morte imita,
Minh'alma afflicta
Rasgado tem:
E tão gelado,
Tão descórado
Como o finado
Fiquei tambem.

Por mui comprido
Somno fui f'rido;
E adormecido
Me vi em fim:
Sonhei depressa
Tristezas dessa
Scena; e começa
Meu sonho assim:

*

A lua com rosto cheio
Entre as campas lampejou,
Onde sem duvida creio
Que o sonho me arrebatou:
Vi que a noite estava em meio
Pelo bronze que soou

Sobre o cypreste pousado
Pia o mocho augurador;
O seu tetrico piado
Da saudade augmenta a dôr;
O mais tudo está calado;
Ali reina a paz maior.

Apenas de quando em quando
Sobre as campas vem pairar
Alguma briza; e voando,
Vai o chorão balouçar;
Depois, o cedro osculando,
Deixa o funereo logar.

E eu saudoso e solitario,
Os olhos meus expandi
Por sobre esse funerareo
Campo, e lagrimas verti:
Minhas mágoas, meu fadario
Me recordaram ali.

Sepulchro, que eu perto via,
Estrepitoso rangeu,
E logo a lapida fria
Ante meus olhos se ergueu!
Depois mais nada eu ouvia,
Mas meu peito estremeceu.

Olhei inda mais attento
Para a estancia tumular,
E do gremio terrulento
Vi um fantasma assomar,
Cujo manto era alvacento
Com franja côr do luar!

Entre os cyprestes andando,
A poucos passos parou;
A cabeça meneando,
A face p'ra mim voltou,
E, commigo deparando,
Assim com pausa fallou:

«O'mancebo, a quem primeiro
«Pura amizade eu leguei,
«Que sempre tão verdadeiro
«Foste amigo meu! bem sei,
«Recebe o adeos derradeiro,
«Já que em vida t'o não dei.

«Inda n'aurora dos ânnos
«Da morte o golpe soffri!
«Da morte, cujos arcanos
«Em senda d'abrolhos vi!
«Mas até nos mais tyrannos
«Trances nunca te esqueci!

«E sabe que mesmo ainda
«Neste pavoroso chão,
«Minha amizade não finda,
«Pois nasceu no coração!
«Oxalá possas infinda
«Têr de mim recordação.»

Assim disse; e c'um lamento
A'campa se recolheu;
D'amizade era o portento,
Que, ha pouco, morto achei eu!
E nesse mesmo momento
Acordei do somno meu.

O INVERNO.

Os valles, os campos, os prados amenos
De gala e verdura despidos estão;
Sumiram-se as auras, os ventos serenos;
Os troncos açouta mui rijo tufão.

A tenue formiga nas densas entranhas
Da terra em cavernas se mette, e não sai;
E aquelle sustento, que em lidas tamanhas
Juntou n'outro tempo, comendo lá vai.

Relampos fulguram; com susto se escuta
Das grandes procellas o rouco fragor;
Os ares se turvam; o céo lá se enluta;
Mil preces o monje levanta ao Senhor.

A tímida corça nos campos bem leve
Não pula, nem pasta com medo, que tem;
Pastores nos montes, toucados de neve,
Já não apascentam os gados tambem.

Estereis penhascos estão desabando
Fendidos do raio tremendo e hostil;
Horrifica fera a gemer, tiritando
Lá vai para o gremio do torpe covil.

O sol rebuçou-se, que a chamma na terra,
Na terra bem triste não póde espalhar;
Com impeto as águas, correndo da serra,
Campinas, pomares já vão inundar.

Errante lá vôa, soltando lamentos,
Sem têr um asilo bem pobre alcião,
Que os rios, limites transpondo, barrentos
Levando choupanas e ninhos estão.

Das plagas adustas os austros medonhos,
Girando velozes por sobre esse mar,
Se cruzam com furia nos ares tristonhos,
E nuvens espessas lá vão agitar.

Ai triste do nauta que n'agua salgada
Não tem amainado do lenho veloz
A vela!... que o noto com dura rajada
A rasga, e os mastros lhe parte feroz.

Só sabe, e pondera o que custa a tormenta
Quem junto dos mastros soffreu temporal,
Quem viu os horrores da vaga cruenta,
E ouviu no mar largo rugir vendaval.

Tu, quadra, apavoras os homens, o gado,
As feras, as aves, os peixes em fim;
Que mesmo no fundo do pégo salgado
Parece que treme de ti o delphim!

Temi-te nos mares, pois morte horrorosa
A centos de nautas afflictos tu dás;
Eu ver-te não posso; e que vás pressurosa
Te peço, e que o mundo nos deixes em paz.

O RAMALHETE.

O'virgem! n'um horto ameno
Fui estas flôres ceifar,
Com que o zephyro sereno
Ness'hora estava a brincar;
Umas inda estão fechadas,
Outras já desabrochadas,
Porém todas têm candor:
E'ramalhete escolhido,
No qual verás definido
O meu puro, ardente amor.

Jasmim d'aroma excellente,
Que faz lembrar a paixão,
Revela bem o que sente
A minh'alma e coração;
A saudade côr de rosa,.
Tão delicada e mimosa,
Amizade te dirá;
O botão d'ouro brilhante
Que o meu amor é constante
Nas folhas te mostrará.

O perfeito amor galante,
Que prazenteiro colhi,
Indica que o teu amante
Existe só para ti;
Cravo odoro, recendente
Significa meramente
Que te dou estimação;
A rosa branca, ligada
A'linda rosa encarnada,
Diz fôgo do coração.

E tu, que com pudibundo
Semblante fazes lembrar
Os anjos, que neste mundo
Sabes bem symbolizar,
Toma, acceita o delicado
Ramalhete, que acodado
Aqui te vim off'recer;
E possas amor eterno
Dar-me em troca, pois bem terno
Te hei de amar até morrer.

Pobreza, Avareza e Morte.

I.

Lá dos confins do occidente
Calor pouco o sol derrama,
Que nos roxos horisontes
Não tarda que esconda a chamma.

A atmosphera está amena;
O dia vai declinando;
Pressurosas, brandas auras
Vão docemente adejando.

Horas cinco são da tarde;
E n'um largo a passear
Cruzam diversas familias,
Que vão sèdas a rojar.

Passam fidalgos nos coches,
Outros cavalgam alem:
Para as vaidades da terra
Os avaros sempre têm!

O largo mostra edificios,
Aonde o ouro fulgura,
Entre os quaes vê-se um palacio
D'esmerada architectura.

Tem salas alcatifadas,
Um magestoso portão,
E na vasta frontaria
Tem um marmoreo brazão.

Vê-se ao pé deste edificio
Um venerando ancião,
Passeando vagaroso
Co'os olhos fitos no chão.

Traja vestes de pobreza;
E no rosto sepulchral,
No seu decrepito rosto
Do pranto traz o sinal.

Soffre muito!... e bem afflicto,
Cheio d'exangue pallor
D'aquella casa opulenta
Ali aguarda o senhor.

*

Sai do palacio um mancebo
De ricos pannos vestido;
E'um titular, um nobre,
Por um pagem vai seguido.

Ao fidalgo se dirige
O pobrezinho ancião,
Que, as murchas cãs descobrindo,
O chapéo leva na mão.

E já parado ao pé delle,
Tremendo e quasi a chorar,
Com a voz balbuciante
Assim começa a fallar:

«Tenho uma filha, viuva
«Sem soccorros, moribunda;
«E eu, não podendo valer-lhe,
«Soffro n'alma dôr profunda.

«Quatro netos tambem tenho
«Em lastimosa indigencia,
«Mirrados da negra fôme!
—«Salvai, senhor, a innocencia!»—

Estas palavras proferidas
Na mais cruenta afflicção,
Mórmente pela velhice
Excitam dó, compaixão.

Mas o mancebo inhumano
Da miseria extrema riu!
E nas cãs do velho honrado
Um vil sarcasmo cuspiu!

Ao quadro calamitoso,
Sem dôr, as costas volveu,
Repellindo o indigente,
Que a razão quasi perdeu.

O pobre velho, arquejando,
A'parede se encostou,
E amargo, furtivo pranto
Dos cavos olhos soltou.

*

Em quanto no longo baile
Se roja o niveo setim,
E rico, bordado chaile
Mostra a dama no festim,
Quantas familias, coitadas!
Pela nudez congeladas,
De penuria definhadas
Soffrem martyrios sem fim!

Ao passo que nos jantares
De soberba ostentação
Sobejam lautos manjares,
Que os ricos perdem, não dão!
Mil pessoas--Quem diria!
—Em jejum passam o dia
Na mais acerba agonia,
Sem têr bocado de pão!

Não lembra ao rico a indigencia,
E se lembra é sempre em vão!
Por que em logar de clemencia
Lança nella execração!
Faz opprobrio, affronta dura
A'inopia, á desventura,
Olvidando a morte escura
Que a todos junta no chão!

Inda que o pobre no mundo
Tenha honrado proceder,
Chama-lhe sordido, immundo,
Desprezando o seu viver!
Mergulhado n'avareza,
Não pode vêr a pobreza;
E muita vez com torpeza
Vai a virtude offender.

Mas parece que olvidaste,
Que esqueceste, trovador!
Essa historia, que encetaste,
Do velho cheio de dôr!...
Diz-nos qual foi sua sorte,
Se nessa mágoa tão forte
Succumbiu á iniqua morte,
Ou quem foi seu salvador.

II.

Da manhã soam dez horas;
O tufão sibila irado;
E de chuvas copiosas
Todo o solo está regado.

O trovão rebomba ao longe;
A centelha o ar fendeu;
Uma nuvem muito negra
Todo o espaço escureceu.

Dentro d'uma casa humilde
Ouve-se um triste gemer
D'uma familia indigente
No mais agro padecer!

N'umas esqualidas palhas
Estava quasi a morrer
Uma mulher desvalida,
Ha dois dias, sem comer!

Quatro filhos innocentes,
Que a pobre mãi rodeavam,
Em nudez, penuria e frio
Languidos ais exhalavam.

A mãi, vendo que dos filhos
Para sempre se apartava,
Junto ao peito o mais pequeno
Com chôros mil abraçava.

E fallou, dizendo: — « ó filhos,
« Meus filhos orfãos de pai,
« Vou deixar-vos para sempre!... »
— E suspirou, deu um ai.

*

Depois torna a voz, sumida
Entre soluços, a erguer;
E para os tenros filhinhos
Assim prosegue a dizer:

—« Que mágoa levo no peito
« Ao descer á sepultura!...
« Por deixar-vos tão crianças
« Sem destino e sem ventura!

« Hora negra foi aquella
« Em que no mundo nasci;
« Por que, desde o berço á morte,
« Infeliz sempre vivi!

« Recebei, meus caros filhos,
« De vossa mãi verdadeira
« As bençãos, que já no peito
« Sinto a ancia derradeira! » —

*

Quando a malfadada Julia
Estas palavras prof'ria,
Parece que a horrenda morte,
Pairando sobre ella, via.

Após no leito d'angustia
Ao lethargo se entregou;
E seu pai, que era já velho,
Os netos acalentou.

Havia muito que a um canto
Soluçava este ancião,
Vendo a filha agonisante,
E os netos pedindo pão!

Soluçava atribulado,
Submerso em mágoas mil,
Com a fome desenhada
Naquelle rosto senil!...
. . . . . .

*

Este é o velho, que o nobre
Repelliu com zombaria:
Triste velho! que essa affronta,
Por sêr pobre, recebia!

E depois que tal fidalgo
Delle bem ludibriou,
Sem trazer real no bolço
A'sua casa voltou.

Era noite; a argentea lua
Pallida luz derramava;
E o triste junto á familia
Parece que rebentava.

Nessas horas em que os ricos
Se juntam nas assembléas;
Nessas horas em que se enchem
Dos theatros as platéas

Soffria aquella familia
A mais profunda afflicção;
Em miseria pavorosa
No terreo, frigido chão.

Os meninos de joelhos,
Cheios de fome e d'horror,
Com as mãos postas, rogavam
Misericordia ao Senhor.

Com palavras tão singelas,
E os olhos fitos nos céos,
Rezando todos em côro,
Pediam soccorro a Deos.

Ao pé delles joelhado
Seu avô tambem rezava;
E de quando em quando aos netos
Estas palavras soltava:

—«Erguei ao céo, meus meninos,
«As vossas preces ferventes,
« Que os anjos sempre escutaram
«As vozes dos innocentes.»—

A mãi no leito expirando,
Em delirio estava ali;
Par'cia-lhe isto uma scena
D'outro mundo, não daqui.

*

Debuxar daquella noite
O quadro de tanto horror
Não póde com vivas côres
A lyra do trovador.

Porém no outro dia quando
Julia em lethargo ficou,
E seu pai atribulado
Os netos acalentou,

Um homem bem carrancudo
Com força á porta bateu;
Abre-se a porta; e o homem
Ante a miseria appar'ceu.

E viu a calamidade,
Que lhe não fez compaixão!
Mais rancor não tem a fera
A pulsar no coração.

Era o senhor da morada,
Onde vivia essa gente;
E as rendas aos infelizes
Demandava cruelmente!

E disse:—«espero trez dias,
«Trez diaz só, nada mais
«Pelos alugueis da casa,'
«Desta casa que habitaes!

«E se no fim deste prazo
«Eu nada houver recebido,
«Uma prisão vos aguarda!
«Tende-me bem entendido!»

Após com sanha terrivel
Os toryos olhos lançou
A'desgraçada familia,
E as costas logo voltou!

★

As lagrimas copiosas
Já corriam nesse chão,
Os suspiros lastimosos
Rebentavam, mas em vão!

Um estrondoso rebombo,
Que do trovão echoou,
Parece que todo o globo
Nesse momento abalou!

Sai o avô da casa humilde;
E da doente mesquinha
Vai vender uma camiza,
A derradeira que tinha!!

III.

Já metade do dia está passada,
Da terra o vasto globo vai girando
Nos eixos collossaes; e a tempestade
Em doce viração se vai tornando.

Dissipou-se o negrume funerareo
Com que fôra enlutada a immensidade,
Extinguiu-se dos mares a tormenta,
E do vento a cruel ferocidade.

Já os igneos relampagos cessaram;
Calou-se do trovão rouco estampido;
Ameaças dos raios já não soffre
O mundo ainda ha pouco espavorido.

E o principe dos astros rutilante
Na zona, que habitamos, reverbera,
Pela terra estendendo o claro manto,
E lucida tornando a azul esphera.

Agora amenas brizas adejando,
Vão no prado beijar as lindas flôres;
E as zagalas no monte entre as manadas
Desprendem ledos canticos d'amores.

As aves os seus ninhos abandonam,
Soltando mil gorgeios de candura;
O pastor toca a avena alegremente;
O arroio discorrendo alem murmura.

Parecem os encantos que ornamentam
Da gentil primavera a madrugada!
E' d'ethereo decreto sacro effeito
Esta vista formosa, inopinada.

*

Ao passo que a natureza
O mundo maravilhava,
A pobre Julia no leito
Infindo somno encetava.

Um espectro pavoroso
Com suprema auctoridade
Apontou-lhe a senda angusta
Que conduz á eternidade.

E ficou pallida e fria;
Eil-a por terra finada;
E dos laureis do martyrio
Leva a fronte engrinaldada!

Mas, quando a morte no rosto
Negro sello lhe estampou,
Mais veloz que o veloz raio
A su'alma ao céo voou.

E os filhos, quando a mãi viram
O ai final desprender,
Naquelles severos trances
Do medonho perecer,

Todos juntos soltam gritos
Infinitos, de agonia,
Que muita gente, ao ouvil-os,
A'quella casa acudia.

Já de turbas apinhadas
O domicilio se enchia,
Quando o velho ali chegára,
Que soccorros lhe trazia!

Era tarde; e a fronte exhausta
Lhe pendeu logo na mão:
Nos braços daquella gente
Eis quasi morto o ancião:

Foi a imagem da desgraça
Que ali o rosto assomou;
Porque todo aquelle povo
Nesse momento aterrou.

Não pintes tão triste scena,
Sê discreto, trovador!
Que um terno peito não póde
Supportar tamanha dôr.

*

Depois que ás largas entranhas
Da terra fria rolou
De Julia o magro cadaver,
Que os vermes apascentou,

Naquella casa inda esteve
A familia malfadada
Mais um dia e uma noite,
Depois sahiu contristada.

*

O avô era Adriano;
Mais de oitent'annos contava;
A sua primeira neta
Adelaide se chamava.

Depois que esta já dois annos
Vira no mundo volver,
Um irmão, por nome Affonso,
Acabava de nascer.

E a este passado um anno
Succedêra uma menina
Tão formosa e tão galante,
Cujo nome era Ambrosina.

Mais annos quatro passaram,
Depois Alberto nasceu,
Que tinha de idade um anno
Quando a mãi cara morreu.

Com estas quatro crianças
Parte o avô mendigar;
E a taça dos soffrimentos
Vai acabar d'esgotar.

Porém logo a feia morte
Poz limite ao seu penar,
E no céo os quatro netos
A' mãi se foram juntar.

*

Este ancião definhado
Já muito teve de seu;
Muitas esmolas fazia;
A muita gente valeu.

Mas os ricos d'algum dia
Como os d'hoje não chamavam
Ao egoismo virtude,
Nem os tristes desprezavam.

Se eram ricos de dinheiro,
Não o eram d'ambição;
Tinham dó dos desgraçados,
Não lhes negavam o pão.

N'outros tempos não se viam
Estes paineis de terror,
Que os ricos d'hoje desenham
Sem compaixão e sem dôr!...
. . . . . .
. . . . . .
Inda mais disséra a lyra,
Mas silencio, trovador!

AS LINHAS DE ELVAS.

I.

Depois que no primeiro de Dezembro, (*)
Neste dia feliz e memoravel,
Portugal expelliu com tanta gloria
O jugo, que Castella lhe lançára,

(*) Anno de 1640.

De liberdade as vozes clamorosas
Entre os bons portuguezes retumbavam;
E com justiça o lusitano sceptro
Brilhava de João (*) na dextra alçada.
Mas quando applausos mil um povo inteiro,
Independente e livre dirigia
Ao soberano luso, que acclamado
Por elle mesmo fóra alegremente,
Ingentes hostes de Castella ufana
Nosso solo pisavam arrogantes,
Pretendendo usurpar a terra cara,
Que nos legou o valeroso Affonso. (**)

*

De certo não lembrava aos castelhanos
A valentia d'esta brava gente!...
Olvidados estavam desse exicio
Que outr'ora em sua tropa exp'rimentaram,
Quando Nuno (***) brandira a espada invicta
Ante suas fileiras aterradas!...

(*) El rei D. João IV.

(**) El rei D. Affonso Henriques.

(***) D. Nuno Alvares Pereira o condestavel do reino no tempo de D. João I.

Cuidavam que jamais transcenderia
Aquelle patrio amor, sempre louvado,
Que os Gamas arrojou por esses mares,
Abrindo em ondas virgens o caminho
Para a rosada aurora, onde chegaram;
E aquelle alto valor dos Albuquerques,
Dos Pachecos, dos Castros, dos Almeidas,
Heroes que com esforço sobr'humano
Correram do seu Tejo ao Indo e Ganges,
Debellando as phalanges inimigas,
E alçando com triumpho as lusas quinas
Sobre as mouras amèas abatidas!

Não julgavam em fim os castelhanos
Que inda houvesse nos peitos portuguezes
Valor p'ra defender a propria terra,
Postoque seus avós muitas vencessem.
Porém os descendentes desses bravos
Que heroico nome a Portugal ganharam,
Fervendo-lhes no peito o ardor da guerra,
Aguardavam impavidos o inigo,
Que em recontros, batalhas afanosas
Rechaçavam e punham logo em fuga!
Mas nem assim cessava em dom Filippe (*)
A cobiça do sceptro lusitano,
Que á custa de mil vidas na conquista
Da nossa cara, idolatrada patria
Altivo d'anno em anno porfiava!

(*) El rei D. Filippe IV de Castella.

*

A rainha Luiza, mãi d'Affonso,
De Portugal o reino governava
Quando dom Luiz d'Aro no Alemtejo
Com exercito grande entrou soberbo,
Certo de que a presença sua impunha
Respeito, obediencia em toda a parte,
Pois, como era o valido de Filippe,
Esperava que a tropa, inda a mais forte
Não ousasse contra elle erguer as armas,
E ao vêl-o em campo aberto se aterrasse!
E com o seu exercito luzido
D'Outubro aos quinze dias (*) alojou-se
Nas praias do sereno rio Caia.

Os generaes que acompanhavam Aro
Eram Muxica, S. German, Ossuna,
Pacheco, dom Ventura Tarragona
E dom Gaspar de la Cueva, sendo
Os mais officiaes da maior p'ricia
Militar, e da mais alta nobreza
Da antiga monarchia castelhana.

Passando dom Luiz o rio Caia,
Tomou Villa Boim e Sancta Eulalia,
Que, pela guarnição pouca, indefesas
O valido encontrou, quando chegára.

(*) Anno de 1658.

*

Aos vinte e dois d'Outubro (*) despontava
D'aurora matutina a luz primeira
Sobre as lusas fileiras, que dos muros
D'Elvas já viam do inimigo as hostes
Bem proximas da Praça, enfurecidas.

*

Entre os cabos de guerra castelhanos,
E officiaes houveram differentes
Discursos sobre a sua grande empresa,
Porque assaz conheciam que o exercito
Sêr melhor não podia, pelo estado
Máo em que a monarchia já se achava,
E porque a confusão das lusas armas,
Que nesse tempo em Portugal havia,
Esp'ranças lhe off'recia de victoria.

Alguns, que do paiz eram mais praticos,
Entenderam que o mais conveniente
Conquistar era d'Estremoz a praça,
E, depois de estar bem fortificada,
A'cidade passar d'Evora, e queimal-a;
Após desmantelar Villa Viçosa,

(*) Anno de 1658.

O castello sómente conservando.
Sitiar Jerumenha, e conquistal-a,
Pois as praças maiores d'Elvas forte,
E de Campo Maior render-se haviam
Pela completa inopia em que ficavam;
Porque inda que d'Arronches os comboios
Difficultosamente recebessem,
Obstar-se-hia facilmente a isto,
Ganhando a villa, que não tinha ainda
De fortificação defesa alguma.
E o resto da provincia bem depressa
Se havia de entregar, pois resistencia
Não tinha para oppor-se a tal intento;
Sendo p'ra Portugal esta conquista
Contingencia fatal, p'rigo imminente.

Outros, que opinião tinham contraria,
Diziam que se expunha a grande risco
O temerario exercito que ousasse
D'um reino o seio penetrar, sem antes
Deixar á retaguarda conquistadas
Praças para em qualquer funesto evento
A retirada segurar-lhe, ou quando
Precisa ella não fôsse, fornecessem
Comboios, que são sempre desejados.
E té mesmo que o tempo annunciava
A visinhança do gelado inverno,
No qual erro seria estab'lecer-se

Em campanha um exército mórmente
Falto de mantimentos, porque a perda
De soldados seria indubitavel.
E que em presença disto o mais prudente
Seria sitiar a Praça d'Elvas,
Porque, julgando-a ainda das mais fortes
Praças de toda a Europa, não bastava
Para perder a esperança de ganhal-a,
Attendendo dos lusos á fraqueza
Pelas enfermidades que soffriam.
E que, achando-se dentro das muralhas
Flôr de toda a nobreza lusitana,
Fortes officiaes, cabos famosos,
De Portugal cavallaria toda,
Dos terços da nação primeiras plantas,
D'artilheria o trem, contadorias
E vedorias era finalmente
Bem facil acabar dos portuguezes
Todo o dominio, pois dos muros d'Elvas
Sómente dependia sua sorte,
Podendo-se alcançar muitos comboios
De Badajoz durante todo o assedio.

★

Por esta opinião dom Luiz d'Aro
Votou, determinando o cerco d'Elvas,
P'ra cujo fim tomaram o mosteiro
De S. Francisco, aonde enfermo estava
O conde camareiro, a quem debalde
Os portuguezes conduzir á Praça
Quizeram com mil rogos dias antes;
Porque, pela molestia alheanado,
Mas com o seu valor inalteravel,
Dizia que com sua espada em punho
Havia de mostrar aos castelhanos
A grande valentia portugueza,
Defendendo o convento que habitava.
E ficou prisioneiro pelo imigo,
Que logo o conduziu para uma tenda,
Aonde pereceu, mostrando ao mundo
Com vivas expressões o amor da patria!..
Os castelhanos permittiram que elle
A'terra fôsse dado dentro d'Elvas,
O que se effectuou com a decencia,
Que em tal occasião era possivel.

Uma só companhia de soldados
A guarnição fazia do convento,
Que se rendeu com pouca resistencia
Ao chegarem as tropas de Castella.

Vasconcellos, (*) que a Praça governava,
Determinou a Silva, (**) e Figueiredo (***)
Que desalojar fôssem o inimigo
Do convento. Porém mil diligencias
Empregaram debalde; porque acharam
Resistencia invencivel, força ingente.
Ali Fernando da Silveira pôde,
Adiantando-se dos terços nossos,
Medir a sua espada resoluto,
Entre nuvens cerradas de mil balas,
Com as ferozes tropas de Castella!
Comtudo muita gente lusitana
Se perdeu, em que entrou Jórge de Souza,
Que foi por todo o portuguez exercito
Longo tempo chorado amargamente;
Pois ás suas virtudes reunia
Um valor poucas vezes imitado.

Dom Sancho Manoel, mestre de campo, (****)
Vendo que deste intento temerario
Unicamente damno resultava,

(*) João Mendes de Vasconcellos.
(**) O mestre de campo Simão Corrêa da Silva.
(***) O mestre de campo Diogo Gomes de Figueiredo.
(****) O mestre de campo general D. Sancho Manoel de Vilhena.

Fez logo retirar cavallaria,
E os terços para sitios acoberto
Da bateria do mosteiro, donde
Grão perda recebia a lusa gente.

*

Depois da noite já se haver cerrado,
Retirou para a Praça a nossa tropa,
Onde se achava Vasconcellos preso
A'ordem da regente soberana,
Por têr de Badajoz o seu exercito,
Havia pouco tempo, retirado,
Succedendo Albuquerque (*) a Vasconcellos
No governo, e commando das fileiras.
Aquelle varão inclyto foi logo
Pela mesma senhora nomeado
Para sahir da Praça com Affonso, (**)
E officiaes de guerra e de fazenda;
Deixando em seu logar o illustre Sancho
Da força acompanhado necessaria
P'ra guarnição fazer daquella Praça,
Porém desta ultima orde o cumprimento
Prompto não pôde sêr, porqué o governo
Militar e politico do exercito
Em confusão completa então se achava.

(*) O mestre de campo general, e general da cavallaria André d'Albuquerque.

(**) O general de artilheria Affonso Furtado de Mendonça.

II.

A fortificação d'Elvas constava
De nove baluartes artilhados,
Dois meios baluartes, terraplenos,
Cortinas, parapeitos excellentes.
Os fossos tinham sido em rocha viva
Abertos com altura necessaria,
Accommodando-se a coberta estrada,

E cobrindo-se as trez soberbas portas
De S. Vicente, d'Olivença e Esquina
Com igual numero de meias luas.
Das portas d'Olivença duas linhas
De communicação encaminhavam
Ao de Sancta Luzia forte, que era
Composto já de quatro baluartes.

Do Casarão o outeiro, que entre as portas
De S. Vicente, e d'Olivença existe,
Já então occupava uma corôa,
Que se communicava com a Praça;
E como dominada ella se achasse
Pelo outeiro chamado de S. Pedro,
Se havia nelle feito e guarnecido
De fachina um bonete, que durante
Todo o assedio cruel foi conservado.

O grande monte, aonde havia a ermida
Da Senhora da Graça, não estava
Fortificado; e logo os castelhanos
O tomaram, e nelle construiram
Um forte, que cercava a ermida toda;
E dali duas peças começaram
Contra a Praça a fazer um fogo activo,
Acontecendo d'outro forte o mesmo,
Que foi de S. Francisco no convento
Em acto simultaneo fabricado.

Havendo os engenheiros e mais cabos
Reconhecido a forte Praça d'Elvas,
Começaram quarteis, que se estenderam
Do sitio da Bargada até á Meza
D'Elrei, que d'Estremoz fica na estrada, (*
Cerrando com os fortes do mosteiro,
E do monte, onde a ermida era da Graça,
O cordão, que em fortins foi repartido.

O primeiro quartel foi o da Côrte,
Aonde se alojou dom Luiz d'Aro,
Depois de confiar delle o governo
Ao de S. German duque ennobrecido;
O segundo quartel foi governado
Pelo altivo Gaspar de la Cueva;
O terceiro, onde havia maior força
De cavallos por sêr logar de risco,
Pelo duque de Ossuna era mandado;
E, finalmente, foi o quartel quarto
Entregue a dom Ventura Tarragona.

(*) A estrada antiga.

Antes que todo o assedio se cerrasse
Albuquerque mandou sahir da Praça
Militares doentes escoltados
Sómente por audaz cavallaria.

Não foi sem grande estorvo do inimigo
Que esta empresa de risco términaram,
Que uns a Estremoz chegaram em desordem,
E a Campo-Maior outros com mui custo.
Entretanto os soldados castelhanos
Vivamente os aproxes proseguiam.

Já de Novembro o mez (*) corria em meio,
Quando Albuquerque nobre o cumprimento
Deu á ordem que tinha da rainha
Para sahir da Praça com Affonso,
E officiaes de guerra e de fazenda,
Precisos para o exercito, que a Praça
Havia soccorrer a todo o custo.

(*) Anno de 1658.

Este excelso, magnanimo guerreiro
Com uma grande força de cavallos
Sahiu, era alta noite, pelas portas
De S. Vicente com silencio muitô;
E, vadeando o Cêto, encaminhou-se
Pela falda da serra da Senhora
Da Graça, aonde as tropas inimigas
Trincheiras não haviam levantado;
Comtudo foi sentido das vedetas
Dos castelhanos, que fizeram logo
O sinal d'inimigo, mas em quanto
Os primeiros piquetes se formavam,
Caminhava Albuquerque, atravessando
O sitio dos Murtaes com toda a força;
E á praça d'Estremoz chegou sem p'rigo.

Dom Sancho Manoel ficou entregue
Do governo da Praça, como havia
Ordenado a regente soberana.

*

Na noite, em que Albuquerque sahiu d'Elvas,
Marchou duque d'Ossuna acompanhado
De soldados de pé, outros em bravos

Cavallos andaluzes cavalgando,
Com o fim de tomar de Barbacena
O castello, que pouca força tinha,
Cuja defensa apenas era um muro,
Sem têr um terrapleno, e sem têr fôsso;
Mas Gaspar d'Athorim, que o governava,
Resistencia lhe fez por longas horas,
Tendo em fim que ceder, porém por meio
De capitulação assaz honrada.

*

Depois de têr sahido a gente d'Elvas,
Sub o commando d'Albuquerque forte,
Com energia os sitiados logo
Da Praça se applicaram á defesa.

Já sobre os baluartes retumbavam
Bronzeos canhões da lusa artilheria;
Os ares, onde sibilavam balas,
De fumo sulphuroso já se enchiam.
Nos quarteis inimigos grande excidio
Produziam as bombas portuguezas,
Reinando a confusão tumultuosa
Entre as bellicas tropas de Castella.

Copiosas sortidas se faziam
Todas bem succedidas felizmente;
Sabendo o bravo Silva grande perda,
Qual raio, produzir ao inimigo;
Pois, como militar valente e ousado,
Tocava até os pontos de mais risco
Com a cavallaria, que mandava,
Destruindo, matando e prisionando,
Porém fazendo a tempo as retiradas,
Porque fugir ao p'rigo bem sabia.

*

Dom Sancho Manoel pela alta noite
A Albuquerque enviava e a rainha
Reiterados avisos do que em Elvas
Quotidianamente acontecia,
Pois fechadas de todo não estavam
As linhas desta Praça tão guerreira.
Porém de dia em dia os castelhanos
Os meios procuravam diligentes
De cerrar o cordão para privarem
Elvas dos necessarios mantimentos.

*

Ao passo que nas linhas trabalhavam,
Laborava do forte do mosteiro,
E do forte do monte artilheria,
Cujas bombas faziam atroz damno
Aos tristes sitiados opprimidos.
Comtudo inda não era a dura guerra,
Nem a fome voraz o grande p'rigo
Que flagellava os corações de todos
Os da Praça, onde o mal era infinito!...
Maior calamidade era a doença
Lethifera, que ali então grassava;
A qual, sendo augmentada com o tempo,
Chegava (oh grande lastima! oh desgraça!)
Cada dia a ceifar trezentas vidas!

Estas mortes effeitos monstruosos
A produzir chegaram entre os vivos,
Que o terror dos defuntos em tal copia
Haviam já (oh pasmo!) assaz perdido!

Os soldados d'auxilio e d'ordenança,
Por não terem quartel algum na Praça,
Nos portico dos templos pernoitavam,

Aonde entre cadáveres dormiam
Cobertos com as roupas dos defuntos!
Em quanto pelas guardas outros mortos
Serviam para assento dos soldados!
Mas, oh caso horroroso! oh sorte crua!
Até mesmo de terra os sete palmos
Faltavam para os mortos, que no ventre
D'animaes varios fôram sepultados!
Porque fóra da Praça, não podendo
A nossa gente apascentar o gado,
O alimentava ali de corpos mortos
Com feio, com terrivel espectaculo!

*

Dom Sancho Manoel, varão illustre,
E outras pessoas bem qualificadas
Pretendiam a tantos infortunios
Atalhar com trabalho e com vontade;
Mas as febris enfermidades punham
Em tão debil estado tanta gente,
Que os proprios vivos menos hediondos,
Sem duvida, não eram que os finados.

Os trabalhos da guerra não cessavam
Entre a bellica tropa castelhana,
Mas as armas do céo supremo e puro
Defendiam com zelo a lusa gente.
Em grande copia chuvas inundavam
O acampamento todo do inimigo:
Os soldados de frio congelados,
Porque a neve do inverno era insoffrivel,
Debalde pretendiam lançar fógo
A' rama de copadas oliveiras,
Porque a água pluvial os impedia.

*

Desta vida espinhosa incomportavel
Dos castelhanos desertavam muitos
Para dentro das praças portuguezas,
Té mesmo para aquella que cercavam!
Para taes deserçoes Francisco Freire,
Que era governador de Jerumenha,
Muito contribuia, porque dava
Gratificação boa aos desertores.

Porém o grão poder de Luiz d'Aro
Era supprido por continuas forças
Que de Castella altiva lhe enviavam.
Mas louvor seja dado aos portuguezes,
Que, em meio das maiores desventuras,
De fome e de mortaes enfermidades
Nunca os vis castelhanos imitaram
Nessa infidelidade rep'rensivel;
Porque em seus corações o amor da patria
Desde o berço pulsava ardentemente,
E por ella, p'la patria a propria vida
A'morte mais cruel todos expunham.

III.

Vendo a augusta rainha que insistia
Dom Luiz d'Aro na conquista d'Elvas,
P'ra governar as armas no Alemtejo
Depressa nomeou duque d'Aveiro,
Porque julgou que tinha qualidades
P'ra commandar o portuguez exercito,
Que havia soccorrer aquella Praça.
Mas o duque, depois de têr tomado
Conta daquelle cargo tão subido,
O largou com bem frivolos pretextos
Pelo p'rigo temer de tal empresa :

Não par'cendo de luso este vil passo,
Que os brazões denegriu de seus maiores.

Apenas a rainha viu frustrada
A primeira eleição, logo segunda
Emprendeu, escrevendo ao conde illustre
De Cantanhede, em quem valor havia;
E assim em sua carta se explicava:
« Conde amigo, eu vos amo, e vos saúdo,
« Pois em vós vejo a unica pessoa
« Que acudir á provincia do Alemtejo
« Póde com patrio amor, e com vontade.
« De certo bem sabeis que a Praça d'Elvas
« Constitue a defesa toda nossa
« Na provincia, por onde o inimigo
« Ataca nosso reino com violencia.
« Ainda que apartar-vos d'esta côrte
« Não devia, pois sois-me tão preciso,
« De tropas reunir vos encarrego
« Para Elvas soccorrer, e para o reino
« Preservar d'um futuro tão sinistro.
« Por estas mesmas regras determino
« Que officiaes de guerra, de justiça,
« De fazenda, bem como os cabos todos
« Cumpram exactamente vossas ordens
« Na parte que respeita a este intento. »

E chamando depois o nobre conde,
Lhe fez discurso energico e subido

Com aquellas palavras lisongeiras,
Que ás empresas mais arduas sempre obrigam.

O conde, em cujo rosto transluzia
Todo o fôgo do sancto amor da patria;
—O conde, que as empresas mais difficeis,
E os trabalhos maiores amou sempre,
Com lagrimas nos olhos, e prostrado
De joelhos diante da rainha
Soltou dos labios seus estas palavras:
« Eu parto já, senhora, a obedecer-vos,
« 'Sperando na justiça desta causa,
« E valor dos fieis vassallos vossos
« Voltar aos pés de vossa magestade
« Brevemente a render-vos gloria excelsa
« De vencedor do exercito inimigo. »

*

Dos vinte de Novembro (*) a rosea aurora
Com sua luz já tinha illuminado
As partes orientaes, e ao Occidente
Seus raios luminosos estendia,
Quando para Estremoz se endereçava
De Cantanhede o conde valeroso.

Chegando áquella praça, achou o bravo
Albuquerque com grão contentamento
De têr por general quem soube sempre

(*) Anno de 1656.

Juntar ao seu valor grandes virtudes,
Com louvavel modestia, e com grandeza
D'alma lhe disse o nobre Cantanhede
Que apenas vinha organizar o exercito,
E nelle assentar praça de soldado;
Porque não tendo sido nas batalhas
Criado, respeitar bem lhe cumpria
As longas exp'riencias d'Albuquerque
Que na guerra era sempre tão temido.
Estas poucas palavras retumbaram,
Não tardou muito tempo, por bem longe;
E com este systema penhorante
Sympathias o conde foi ganhando
Té que pôde dos chefes e soldados
Fazer-se venerado facilmente.

*

Depois de haverem discussões na côrte
Respeito ás cousas importantes d'Elvas,
Principiou por ordem da rainha
A entrar em Estremoz gente e dinheiro;
Aonde o conde, e os cabos iam dando
A forma ao bellicoso e bravo exercito,
Que havia de acudir aos sitiados;
Dos quaes capazes de tomarem armas
Méramente dez centos se contavam:
Sendo para notar que onze mil homens

Estavam dentro d'Elvas, quando a Praça
Foi pelos castelhanos sitiada!
E com tão debil força o nobre Sancho
Na defesa insistia, preferindo
Antes perder a vida em meio de males
Que manchar da nação o heroico nome!

*

De Cantanhede o conde antes de em marcha
Pôr a tropa, enviou orde a dom Sancho
Para de generaes formar conselho,
E por elle saber qual era a parte
Melhor, por onde introduzir na Praça
O preciso soccorro se podesse.

Não sem difficuldade recebido
Por Sancho Manoel foi este aviso,
Porque estavam já muito adiantadas
As fortificações dos castelhanos.

*

Dom Sancho Manoel logo o conselho
De generaes formou; e na conf'rencia
Foram bem differentes os par'ceres,
Que em diffusos discursos todos deram.

Dom Luiz de Menezes tinha sido
Ao conselho chamado juntamente,
Porque inda que inf'rior fôsse o seu posto,
Era tão elevado o seu talento,
Que dom Sancho o julgou ali preciso.

Discursou elle que devia o exercito,
Com meios d'artificio, mantimentos
E munições em grande quantidade
Para Campo-Maior mandar primeiro.
Depois entrar naquella praça para
Tomar alojamento junto ao Caia
Entre as matas annosas, cuja lenha
Servia p'ra barracas de campanha,
Ficando lá senhor dos poucos sitios
Vadeaveis, que tinha aquelle rio.
E que estorvar devia que passassem
Por ali mantimentos para o imigo,
O qual, vendo-se exhausto d'alimento,
Se obrigaria a levantar o assedio,
Porque por outra parte não podia
Conseguir os comboios necessarios.
Ou então que devia o nosso exercito
Marchar em direcção ao quartel d'Aro,
Levando a tropa escadas e fachinas,
Bem como outros diversos instrumentos,
Que para a expugnação são necessarios;
—Que junto do quartel d'Aro devia
O exercito fazer alojamento,

Estendendo partidas que tocassem
As armas vivamente toda a noite;
—Que a vanguarda atacar devia logo
As trincheiras da tropa castelhana,
De sorte que entendesse o inimigo
Que o soccorro da Praça se intentava
P'la parte das trincheiras atacadas;
—Que para conserval-o neste engano,
Devia laborar dos baluartes
Voltados para ali artilheria;
Mas que quando tudo isto fôsse a effeito,
Devia achar-se já bem preparado
Um troço de cavallos e d'infantes
Junto ao forte da Graça, aonde quasi
Não existiam linhas levantadas;
—Que este troço devia a todo o risco
Assalto dar ao forte, quando ouvisse
O estrepito do fôgo da vanguarda,
Que atacava as trincheiras do inimigo;
—Que da Praça devia toda a tropa
Sahir ao mesmo tempo a reforçal-os;
—E que desta maneira aquelle forte
Seria conquistado facilmente,
Ficando logo a Praça soccorrida;
Porque com tal certeza o nosso exercito
Havia de marchar livre de p'rigo
Para Elvas por aquelle mesmo sitio,
Visto que os castelhanos toda a noite

Divididos estavam pelos postos
Da circumvallação larga das linhas;
E quando, por ventura se metessem
Por entre a Praça e forte, soffreriam
Grande estrago da nossa artilheria.

A isto Diogo Gomes Figueiredo,
Que fazia uma parte do conselho,
Respondeu com firmeza e gravidade:
Que o valor luso ardil não precisava,
Nem parte dos infantes permittia
Grandes operações, porque de gente
Bisonha, inexp'riente era composta;
—Que devia seguir o luso exercito
A estrada d'Estrémoz direita a Elvas;
E pelo lado dos Murtaes as linhas
Do inimigo romper a todo o custo
Com grande auxilio dos canhões da Praça,
E da gente que della se devia
Mandar logo sahir para ajudal-os;
—E que com este intento bem depressa
Se devia esperar alta victoria.
Dom Sancho remetteu estes par'ceres
Para Estremoz ao nobre Cantanhede,
Que sem delonga os presentou perante
Um conselho para isso congregado,
No qual foi decidido que o ataque
P'la parte dos Murtaes devia dar-se.

De Cantanhede o conde fez aviso
Desta resolução logo a dom Sancho
Com ordem que da Praça lhe mandasse
Cinco soldados p'ritos na campanha
P'ra guiarem as tropas de soccorro
Pelos caminhos mais convenientes.
E, sendo por dom Sancho recebida
Esta ordem, a cumpriu, mas sem ligar-lhe
A devida entidade; pois, chamando
Logo os cinco soldados, apontou-lhes
Esse importante fim p'ra que marchavam.

*

Partiram os soldados, mas depressa
Ficaram prisioneiros pelo imigo,
Que com muitas promessas e ameaças
Póde delles saber que pelo lado
Dos Murtaes tinha destinado o exercito
Atacar, ou romper as suas linhas.
E com esta certeza Luiz d'Aro
Fortificou melhor aquella parte;
Porém deste terrivel infortunio
Nem Cantanhede soube, nem dom Sancho;
Cortando os castellanos d'ora avante
As communicações todas da Praça.

IV.

Em onze de Janeiro (*) o nosso exercito,
Ao despontar o alvor da madrugada,
Partiu lá d'Estremoz com viva esp'rança
De triumphar dos feros castelhanos,
E d'Elvas soccorrer atormentada.
Não ia todo junto, mas na marcha
As guarnições de Jerumenha, Borba,
Campo-Maior, Villa Viçosa, Arronches
E Monforte depressa se lhe uniram.
De Cantanhede o conde o commandava;
E seu mestre de campo, e commandante
Da cavallaria era o Albuquerque.
Posto de general mestre de campo
Era por Misquitella (**) exercitado.
Capitão general de artilheria

(*) Anno de 1659.

(**) Dom Rodrigo de Castro, conde de Misquitella.

Era Affonso Furtado de Mendonça.
Tenentes generaes, que tambem iam,
Mas que a varias provincias pertenciam,
Eram Tamaricurt, Diniz de Mello,
Freire, Pedro Lalanda, e Gil Vaz Lobo.
Outros officiaes exp'rimentados
Os differentes terços commandavam.

Por entre uma terrivel tempestade
Marchou a lusa gente todo o dia,
E a noite passou feia e tenebrosa
Em campos núa de relva á neve, ao frio;
Porém do dia doze veio a aurora
De côres luminosas matizada,
Cuja luz foi dourada por sol claro,
Que annunciou a todos a victoria.

Continuou a marcha todo o exercito,
Travessando dos Mattos a Atalaia;
E, depois de ter já sahido della,
De batalha tomou regular forma.
Pernoitou na Rebola; e no outro dia
Appar'ceu nas collinas d'Açomada,
Donde avistou a bella Praça d'Elvas,
E as dilatadas linhas do inimigo.

*

Que impulso de valor, e d'alegria
Não produziu nos peitos portuguezes

Este espectac'lo magestoso e bellicol...
Porque a Praça soberba dominava,
P'la sua posição sêr eminente,
Os vastos arraiaes dos castelhanos.
Todavia esta maquina guerreira,
Fazendo recordar que no seu seio
A doença o sepulchro tinha aberto
A soldados fieis e valerosos,
Desterrava dos olhos a alegria;
Não deixando com tudo nos soldados
De produzir tão vivo, honrado estimulo,
Que a todos parecia fraca empresa
O romper os quarteis dos castelhanos.

*

O nobre Cantanhede, ali chegando,
Mandou disparar logo a artilheria
P'ra dar da sua vinda annuncio a Elvas,
Que tanto suspirava já por elle.

Vendo a Praça que só aquelle exercito
Podia soccorrel-a e acudir-lhe,
E que só delle e della dependia
Toda a conservação da patria amada,
Se encheu d'alegre gosto, e d'alvoroço,
Saudando aquella desejada vinda,
Já com salvas dos fortes baluartes,
Já com vivas, que ao longe resoavam.

*

Dom Sancho Manoel sahiu da Praça
A cavallo, e seguido das pessoas
Principaes, indo todos adornados
De galas, e de plumas gentilmente.
Após elles marchava bem armada
Toda a cavallaria, que existia
Em Elvas; e com ella o grande Sancho
P'lo lado do quartel de Luiz d'Aro,
Carregando, rompeu a linha imiga
Sem achar muito grande resistencia,
Pórque as ferozes tropas de Castella
Corrido tinham a tomar a frente,
Que o portuguez exercito trazia.

Por ordem d'Aro dom João Pacheco
A toda a pressa tinha já marchado
Com esquadrões de audaz cavallaria,
Afim de examinar o alojamento,
Que ás tropas Cantanhede destinava,
O qual, tendo cumprido este mandado,
Fez vêr a dom Luiz que a nossa tropa
Se alojára no sitio da Amoreira.
Porém não se lembrou João Pacheco
Que o sitio da Amoreira era visinho
Do logar dos Murtaes, que assignalado
Pelos cinco soldados tinha sido;
Porque os conselhos seus logo levaram

Dom Luiz a mandar recolher tropas
Aos seus quarteis com bem errado intento
D'o exercito formar na parte opposta!

*

Juntando-se dom Sancho a Cantanhede,
Importante conf'rencia começaram
Sobre o estado da Praça; e logo um plano
Traçaram de batalha decisiva,
Que em pratica se poz com bom successo.

*

A noite com seu manto umbroso e triste
A enlutar começava o hemispherio,
Quando dom Sancho Manoel na Praça
Entrou com toda a gente, que levára.

Logo que ali chegou, tratou primeiro
D'inoumbir Magalhães (*) do baluarte
Do Principe, que o sitio dominava,
Por onde tinha a entrar o nosso exercito.
No baluarte estavam preparadas
De artilheria vinte peças grossas,
Que no dia seguinte grande estrago
Produziram na tropa do inimigo.

(*) O general de artilheria Pedro Jaques de Magalhães.

Depois mandou dom Sancho expôr nos templos
O Sancto Sacramento toda a noite;
Porque é do bom catholico o preceito
A través dos perigos deste mundo
Buscar em Deos auxilio e segurança.
A tropa se dispoz para a batalha
Com confissões primeiro, e após com armas,
Havendo tanto gosto nos soldados,
Que parecia já que alegremente
Victoria gloriosa celebravam.

*

Tendo o conde alojado o seu exercito,
Mandou por Misquitella e Albuquerque
Reconhecer o estado do inimigo;
Os quaes, examinando toda a linha,
Que haviam de romper com força e arte,
Ficaram summamente cuidadosos
Pelo facto de a vêrem mais segura
De que elles certamente imaginavam.
Voltaram açodados a dar conta
Da su'alta missão a Cantanhede,
Que tinha, havia pouco, recebido
Aviso de Francisco Brito Freire
De têr sido o inimigo reforçado
Com tropas a cavallo e com infantes;
Porém esta noticia Cantanhede
Guardou no coração como convinha;

E depois de escutar bem os dois cabos,
Lhes disse que maior p'rigo seria
Mudar do nobre intento começado,
Porque, perdendo o exercito a vontade
Que tinha de vencer todo o inimigo,
Jámais um vivo ardor como o primeiro
Outra vez os seus peitos sentiriam;
E mesmo que buscar outro caminho
Para o soccorro introduzir na Praça
Não podia, pois só por ali Sancho
Esperava que o exercito rompesse.
Pelos generaes todos foi seguida
Esta resolução de Cantanhede;
E logo para a empresa todo o exercito
Se preparou com animo esforçado.

*

Quando principiou a noite escura
A formar sua abóbada sombria,
E dom Sancho de galas adornado
A' Praça regressou com sua gente,
Ordenou dom Luiz que se formasse
No arraial um conselho de seus cabos,
Ante o qual discursou que se lembrava
De mandar reunir o seu exercito
Com toda a brevidade em campo aberto,
E com elle sahir a dar batalha,
Deixando apenas guarnecida a linha

Por uns pequenos troços de soldados.
Porém disse o conselho quo o exercito
Dentro das linhas esperar devia
A determinação dos portuguezes.
E que ainda que houvesse já noticia
De que o exercito luso destinava
P'lo lado dos Murtaes romper a linha;
Não se devia têr certeza nisso;
Porque o tomar ali alojamento
Mostrava que os intentos eram outros;
E podia de noite facilmente
Investir algum ponto que estivesse
Incauto, ou sem a força necessaria,
O qual facil não era defender-se
Pelo facto d'o exercito estar junto,
E as linhas serem muito dilatadas.
Seguiu este par'cer dom Luiz d'Aro,
Mandando segurar as vastas linhas;
Mas em opposição ao nosso exercito
Deixou apenas uns pequenos troços
De soldados de pé e de cavallo!

Aquella noite se passou no exercito,
Na Praça e nos quarteis com differentes
Discursos d'importancia, e d'entidade.

V.

Despontou finalmente a luz d'aurora
Desse dia quatorze de Janeiro, (*)
Que os portuguezes devem na memoria
Gravar com letras d'ouro para sempre,
Porque nelle com gloria e com ventura,
A sua independencia foi firmada.

Já o sol rutilante com seus raios
Começava a dourar os patrios montes,
Quando uma espessa nevoa de repente
Vestiu de negro luto o claro dia.

*

Ao romper da manhã João Pacheco
Sahiu para observar o nosso exercito;
E, não notando nelle movimento,
Por motivo, sem duvida, da nevoa,
A'presença voltou de Luiz d'Aro,
Ao qual assegurou que novidade

(*) Anno de 1659.

Naquelle dia haver não poderia;
O que obrigou os cabos castelhanos
A ficarem (oh vergonha!) quasi incautos!

*

Parece que esperava o sol ardente
Que o inimigo estivesse descuidado,
P'ra dissipar com pompa magestosa
A nevoa, que turvado tinha o dia.
Appar'ceu finalmente quando o bronze
Das torres horas oito annunciava.

*

Cantanhede com todo o seu exercito
Estava bem disposto a dar batalha;
E, apenas o aureo sol rompeu a nevoa,
Uma alta allocução ás tropas suas
Começou a fazer de valor cheio;
E com semblante alegre, mas altivo,
Para os soldados seus assim dizia:
«Meus annos, valerosos portuguezes!
«E minhas exp'riencias dilatadas
«Conhecer me têm feito tanto ao vivo
«Os successos futuros, que o governo
«Politico deixei pelo das armas,
«Apreciando mais que a propria vida
«A defesa da terra, onde nascemos.
«Ante nós está Elvas sitiada
«Pelo exercito d'Aro, em quem não vejo

«Força para vencer a lusa gente.
«Corrâmos a acudir a aquella Praça,
«Onde nossos irmãos estão afflictos,
«Pois em vós tenho toda a esperança
«De conseguir victoria gloriosa.
«Nos vossos rostos um valor heroico
«Vejo para vencer o mundo inteiro!
«Quanto mais os soldados castelhanos,
«Tantas vezes por vós desbaratados!!
«E'tempo, verdadeiros portuguezes!
«De investir, e romper aquellas linhas,
«De vencer os atrozes inimigos,
«De soccorrer a nossa Praça d'Elvas
«E de tirar os nossos venerados
«Principes do cuidado em que estão todos.»
Com um rumor sómente todo o exercito
Mostrou a Cantanhede que anhelava
Lançar-se sem demora aos castelhanos.
O conde não deu tempo que os soldados
Mudassem do preposito em que estavam,
E veloz, como um raio, todo o exercito
Pôz em disposição para a batalha.

*

Já começa das caixas e trombetas
O som rouco a espalhar-se pelos ares;
De Portugal as quinas já tremulam
Entre as lusas fileiras, que com brio
Para o campo da gloria se encaminham.

Em frente da vanguarda Figueiredo (*)
Marcha, seguido de sargentos mores,
E d'infantes dez centos, os quaes levam
Cortadoras espadas, bons mosquetes,
Partezanas, rodelas e pistolas,
Bem como muitos feixes de fachinas
P'ra mosqueteiros entulhar os fossos.

Lá marcha com infantes na vanguarda
De Misquitella o conde tão preclaro.
Cavallaria, que Albuquerque manda,
Guarnece dos infantes os dois flancos.
Outras tropas se seguem, divididas
Em terços, esquadrões bem regulares,
Que por sargentos mores são mandadas.

O corpo de batalha é guarnecido
De tropas de cavallo, que os tenentes
Generaes Gil Vaz Lobo, e Freire mandam.
Após marcha a reserva, que é coberta
Por oito batalhões, sub o commando
Do nobre general Pedro Lalanda.

O general Mendonça, descobrindo
D'uma eminencia o sitio da batalha,
Faz disparar a forte artilheria
Sobre a tropa inimiga, que, soffrendo
Grande estrago das balas, se alvoroça.

(*) Diogo Gomes de Figueiredo, que servia o posto de tenente de mestre de campo general.

Em frente da batalha Cantanhede,
Acompanhado de guerreiros, marcha,
Cuja presença animadora e bella
Bizarria produz em toda a tropa.

*

Repleto de terror dom Luiz d'Aro
Do quartel se retira pressuroso,
Recommendando aos cabos que pelejem,
Que salvem do desdouro a bella Hespanha!

*

Começa-se a travar crüenta luta,
D'ambos os lados joga a artilheria;
O fumo sulphuroso tolda os ares,
Os estampidos dos canhões echôam.

Diogo Gomes Figueiredo lança
As fachinas no fôsso vivamente,
E com ajuda das mampostas logo
Abre nas linhas copiosas fendas.

*

S. German, dom Gaspar de la Cueva,
Dom Rodrigo Muxica, e mais Ossuna
Com tropas em desordem bem forcejam
Por acudir ás linhas, mas debalde;
Porque os nossos soldados da vanguarda

Auxiliados dos canhões da Praça,
Já se formam em alas dentro dellas.

Entre os soldados nossos e inimigos
A batalha afanosa se encruece;
As espadas, as lanças se espedaçam;
De sangue o luso solo já se rega;
P'los campos os cavallos andaluzes
E portuguezes correm sem têr dono.

*

Com a cavallaria o grande Silva,
Que era um dos portuguezes sitiados,
Mettendo-se por entre a guerra accesa,
Acode tanto a tempo á lusa gente,
Que aos castelhanos faz voltar as costas,
Transidos de terror, de medo insano!

*

Oh que ensejo feliz!... Que bom successo!
Entre os soldados lusitanos soam
Os gritos de victoria no principio
Da batalha cruel, mas gloriosa;
Porém do lado da Bargada acode
Muita cavallaria aos castelhanos,
E por um pouco suspender aos lusos
Faz o tão vivo ardor que os alentava.

Continúa, comtudo, a grande luta
Cada vez mais renhida e mais sangrenta.

Os generaes Tamaricúrt, e Mello
Com seu valor nativo e nobre esforço
Se lançam aos ferozes inimigos,
Que para o sitio da Bargada fogem.

Misquitella, Albuquerque, Lobo e Freire
Por outro lado lutam com denodo,
Conquistando fortins bem guarnecidos
De troços de soldados castelhanos.

Cantanhede veloz, qual veloz raio,
Corre aonde a batalla é mais temivel,
Animando os soldados portuguezes
Com su'alta presença, e com palavras.

★

S. German, vendo o exercito excellente
De Castella perdido por momentos,
Forceja por lhe dar regular forma,
Assistido d'Ossuna, mas debalde.

Dom Luiz, que se havia para o forte
Da Graça retirado temeroso,
Foge p'ra Badajoz, desamparando
A tropa sua, que em desordem fica!
Por entre ella se lança a lusa gente
Com tanta furia e sanha, que as campinas
De castelhanos mortos vai enchendo!
O sangue corre em jorros pela terra,
Que já de rubra côr está tingida!

*

De S. German o duque grande estrago,
D'um dos fortes produz na nossa gente,
Aponto dos soldados de Menezes, (*)
Que o forte combatiam, se aterrarem!
Albuquerque, varão inclyto, excelso,
Que a todos os perigos acodia,
Acode ali, e anima a lusa tropa.
Arroja o seu cavallo entre os soldados,
E exhortando-os, consegue que de novo
Se lancem com valor ao inimigo;
Mas do forte uma bala lhe trespassa
O seu peito, e no chão roja sem vida;
E quasi ao mesmo tempo um'outra bala
Recebe S. German n'altiva fronte.

Principia a abrandar nos castelhanos
O ardor de combater, porque no duque
A sua pertinacia consistia.

*

O estandarte das quinas com triumpho,
E com gloria tremula á luz do dia;
E entre os bravos soldados portuguezes
Clamores de victoria se duplicam.

*

Dispoz-se Cantanhede a entrar em Elvas,
A despeito do fôgo que inda havia;

(*) O mestre de campo Luiz de Souza de Menezes.

E, marchando, fez alto junto á linha
P'la tenaz resistencia d'alguns fortes;
Enviando comtudo para a Praça
Cargas de munições e mantimentos.

*

Dom Sancho, ao vêr chegar aquelle instante
Por elle ardentemente desejado,
Foi logo, acompanhado das pessoas
Principaes, receber o illustre conde,
Deixando a Praça a Magalhães entregue,
O qual com muito acerto tinha feito
Jogar, durante o tempo da batalha,
Do baluarte seu a artilheria.

*

Foi nas margens do Cêto que dom Sancho
Com prazer se juntou a Cantanhede,
O qual lhe confiou aquelle posto
Que do nobre Albuquerque tinha sido.

Entraram finalmente os dois em Elvas,
Seguidos das pessoas mais distinctas,
E á cathedral se dirigiram todos;
Onde á celeste Providencia deram
Graças pelos beneficos auxilios,
Que della receberam entre p'rigos.

Regressou Cantanhede ao seu exercito,
Quando a noite a cerrar-se começava;

E mais tarde deu ordem a Mendonça
Que fosse conquistar á força d'armas
Dois fortes, que inda estavam guarnecidos
De tropas temerarias de Castella.
Mas debalde lutaram lusas tropas,
Que, em logar d'avançarem, retiraram,
Depois de ter soffrido um grande estrago.

*

As tropas castelhanas debandadas,
Valendo-se do abrigo da átra noite,
P'ra Badajoz se retiraram todas,
Mas em tal confusão, que pereceram
Muitos soldados na caudal corrente
Do rio Guadiana, e mais do Caia.

VI.

Quando do dia quinze (*) começava
A alvorada a romper, partiu dom Sancho
Com a cavallaria sobre o Caia,
E quando recolheu, trouxe utensilios
De guerra, e méramente duas peças,
Que os castelhanos só tinham levado.

*

P'los quarteis se espalhou a lusa tropa,
A qual achou ali grandes despojos,
Pois dentro do quartel de Luiz d'Aro,
Das barracas dos cabos, e das tendas
D'officiaes estavam preciosas
Alfaias, e riquissimos ad'reços!

Papeis muito importantes se encontraram,
P'los quaes se descobriu todo o ascendente,
Que tinha sobre o rei dom Luiz d'Aro;
E o grande ardil com que elle dominava
Aquella respeitavel monarchia.

(*) Mez de Janeiro de 1659.

*

Os dois fortes ainda resistiam,
Sob o governo de Zuñiga, e Cordova,
Aos quaes mandou dizer logo dom Sancho
Que se rendessem, visto o seu exercito
Têr feito já completa retirada.

Zuniga se rendeu sem maïs demora,
Porém Cordova disse que sómente
Ao de S. João conde se entregava!
Satisfeita lhe foi esta vontade;
E o conde recebeu devido applauso
Por té os inimigos respeitarem
As virtudes de que era ornamentado!

*

Depois de se renderem os dois fortes,
O conflicto cessou completamente;
E lograram os lusos, sempre ovantes,
De Cantanhede os mais altos louvores
Pelo heroico trabalho com que a gloria
Exaltaram do reino onde nasceram.

*

Nesta cruel batalha os castelhanos
Tiveram perda tal, que os que fugiram
Té mesmo em Badajoz se amedrontavam,
Julgando-se dos lusos perseguidos!

*

Ordenou Cantanhede que o cadaver
D'Albuquerque se desse á fria terra
Com funerareas honras militares
Como a sua memoria requeria.

De Portugal, e de Castella aos mortos
Se deu a sepultura necessaria;
E em depositó postos foram todos
Os que tinham jazigos de familia.

*

Quando a noticia da batalha d'Elvas
A Lisboa chegou, el-rei estava
A um sermão assistindo em sancta Engracia,
Onde a nobreza celebrava festas.
E quando o prégador alegres novas
Respeito ás cousas d'Elvas promettia,
Entregue foi ao rei o fausto aviso
Da victoria feliz e gloriosa,
Enviado p'lo nobre Cantanhede!
Acabou-se o sermão em meio de graças,
E a festa com dobrado regozijo.
Voltou ao real paço o soberano

Prazenteiro, e applaudido pelo povo,
Que em grandes multidões até ao atrio
Do palacio o seguiu alegremente.

*

Comtudo produziu esta noticia
Alguns prantos amargos em Lisboa
Pelos lusos fieis, que na batalha
Cruel, sanguinolenta pereceram.
Mas em Madrid, e n'outras varias terras
D'Hespanha houveram copiosas lagrimas,
Ostentando-se o luto em quasi todas!
Porque muitas familias castelhanas
Perderam seus amigos e parentes,
E aquellas que tal perda não sentiam,
Da nação o desdouro lamentavam.

*

Depois de têr o nobre Cantanhede
Mandado desfazer fortins e linhas,
Voltou á capital com a devida
Licença da rainha, inda regente.
Ali recebeu logo altos louvores,
Não só do luso rei, mas da nobreza,
A quem seu amor patrio, suas obras
E seu valor sempar maravilharam.

P'los trabalhos da guerra a gente lusa
Remunerada foi como convinha;
E seu claro valor, com que sabia
Defender sua patria tão amada,
Constou, não sem espanto, em toda a Europa!
E bem depressa os alliados principes
Com novas allianças seguraram
A nossa desejada independencia.

NOTAS

ás poesias dos titulos seguintes:

MARQUEZ DE. POMBAL.

Pg. 41.

E logo as rendas do Estado
Bem justamente augmentou.

Quando o grande Sebastião José de Carvalho, que em 1759 foi nomeado conde de Oeiras, e em 1770, marquez de Pombal, entrou para o ministerio, nada tinha Portugal, e até devia alguns milhões a Inglaterra; e quando em 1777 foi demittido por D. Maria I, deixou quarenta e oito milhões de cruzados no thesouro, e trinta no cofre das décimas.

RECORDAÇÕES DE JUDITH.

Pg. 49.

Judith era judia, e habitava com seu irmão Jacob no bairro d'Alfama em Lisboa.

Uma noite, em que D. Duarte se recolhia ao seu alcaçar, encontrou um homem, que se defendia d'um bando de ladrões, que o haviam accommettido; e, vendo-o cahir por terra, desembainhou rapidamente a sua espada, e pôz os aggressôres em completa fuga. Este homem, a quem D. Duarte subministrou os necessarios soccorros, era Jacob, que por uma acção tão generosa, lhe testemunhou a sua gratidão.

D. Duarte, para evitar qualquer outra eventualidade desagradavel, o acompanhou á sua morada; e foi ali que pela primeira vez viu a formosa Judith, cujos encantos lhe inspiraram o mais vehemente amor; e não tardou que a innocente israelita lhe desse a certeza de que tambem o amava.

O amante de Judith, manifestando este facto a seu irmão D. Sueiro, bem depressa achou nelle um rival.

Estes dois mancebos eram filhos do valente cavalleiro portuguez D. Affonso de Menezes, de cujos illustres feitos a Africa é testemunha, onde tantas vezes os mouros se aterraram do seu extremado valor.

D. Sueiro, seu filho mais velho, era alferes das guardas d'el-rei D. Manoel, e clandestinamente chefe dos salteadores que habitavam as furnas da serra de Cintra! e D. Duarte, que, contando vinte annos de idade, tinha menos dez que o irmão, era governador do castello de Lisboa.

D. Sueiro não tardou em fazer uma declaração amorosa a Judith, mas ella não a acceitou, o que deu logar a que o malvado a mandasse roubar pela sua quadrilha; e quando os salteadores a conduziram ás furnas da serra de Cintra, levaram tambem para esse theatro de nefandos crimes seu irmão Jacob, deixando D. Duarte gravemente ferido, e sem sentidos.

O irmão de D. Sueiro, tornando a si procurou com a vista a sua amada, com quem antes estava fallando d'amor, mas só viu um dos salteadores, que, mais humano que os seus companheiros, tinha ficado para o soccorrer; e perguntando-lhe por ella, elle lhe disse quem lh'a roubára, e immediatamente desappareceu.

D. Duarte depois disto, seguindo pela alta noite o caminho do seu alcaçar, a poucos passos cahiu exangue no chão. Um homem, que por acaso ia passando, teve compaixão delle; e, transportando-o primeiro para sua casa, o fez depois conduzir ao solar paterno.

O desvelado amante póde por meios ardilosos tornar a vêr o

salteador que o soccorreu; e convencendo-o de que devia deixar aquella vida de risco e infamia, que para o mesmo salteador já era incomportavel, lhe offereceu um emprego na côrte. Coadjuvado por elle arrancou das mãos do tredo irmão a sua amada, que, depois de baptizada com o nome de D. Mafalda, solemnemente desposou a gôsto de seu pai.

Por aquelle mesmo homem soube que Jacob tinha sido enviado para Marrocos, a fim de sêr vendido como escravo; e, mediante uma grande somma, o resgatou.

Jacob, depois de sêr convertido á fé Christã, entrou no serviço de D. Duarte para aspirar ás honras de cavalleiro.

Passados dois annos morreu D. Affonso, tendo lamentado incessantemente a perda de seu filho primogenito, que, desde o hyminéo de seu irmão, nunca mais apparecêra; mas felizmente o honrado pai ignorou sempre a negra macula que elle lançou sobre os brazões de seus maiores.

D. Sueiro pungido pelos remorsos, arrependido das tristes scenas que tinha feito no mundo e persuadido de que era anathematizado por todos, suicidou-se dentro da detestavel habitação dos salteadores.

Algum tempo depois da morte do pai foi D. Duarte entulhar as furnas; e por essa occasião encontrou a ossada do irmão, que conheceu por um pergaminho, que existia junto della; e a fez trasladar para o jazigo da nobre familia dos Menezes.

LUIZ DE CAMÕES.

Pg. 63.

Em verdes annos sentira
No fundo d'alma o amor,
Como Tasso possuira
Um coração amador;

Mas inimiga cilada,
Nos reaes paços formada
Apartou da sua amada
O malfadado cantor!

Primeiro que tudo entendo que devo dar uma ideia da descendencia deste grande homem.

A familia dos Camões é oriunda da Galiza.

O seu solar era o castello de Camões, junto do cabo Finisterre, donde tira o seu appellido.

Vasco Pires de Camões foi o primeiro desta familia, o qual, passando a Portugal em 1370, apresentou-se ao serviço do senhor D. Fernando contra el-rei D. Henrique de Castella.

Para mostrar à alta consideração em que era tida a pessoa deste illustre fidalgo, refiro os cargos que o monarcha portuguez lhe confiou, e a grande doação que lhe fez.

Deu-lhe as villas de Sardoal, Punhete, Marão, Amendoa, o concelho de Gestaço, e as terras de Aviz e Estremoz, que tinham sido da infanta D. Beatriz; nomeou-o do seu conselho de estado, confiou-lhe as importantes alcaidarias mores de Portalegre e Alemquer. O brazão d'armas, que lhe foi dado em Portugal, é uma serpe d'ouro entre dois penhascos em campo verde, segundo o livro dos brazões, juntos por el-rei D. Manoel.

Casou em Portugal com a filha de Gonçalo Teneiro, capitão mor das armadas, e della teve Gonçalo Vaz de Camões, João Vaz de Camões e Constança Pires de Camões. Do primogenito descenderam diversas familias nobres: e da alliança que fez o segundo com Ignez Gomes da Silva, succedeu Antonio Vaz de Camões, que casou com Guiomar Vaz da Gama, de quem teve Simão Vaz de Camões. Este, e Anna de Sá Macedo (dos Macedos de Santarem), foram os ascendentes do grande Luiz de Camões, que nasceu na cidade de Lisboa em 1525. Creio que nasceu neste anno, pelo que se infere das seguintes palavras de Manoel de Faria:

«No anno de 1643 veio ás minhas mãos o registro da Casa da «India de Lisboa, de todas as pessoas mais principaes que passa- «ram a servir áquelles Estados, desde o anno de 1500, até estes «nossos tempos, e na lista do anno de 1550, achei este assento. «—Luiz de Camões, filho de Simão Vaz, e Anna de Sá, morado- «res em Lisboa á Mouraria, Escudeiro de 25 annos, de barba rui- «va, trouxe por fiador a seu pai: vai na Nao de S. Pedro dos Bur- «galezes.» Ora se Camões em 1550 tinha 25 annos de idade, é de crêr que nascesse em 1525.

Este eximio poeta, depois de têr completado os seus estudos na universidade, que el-rei D. João III tinha transferido, havia pouco tempo, de Lisboa para Coimbra, voltou á côrte, onde residiam seus pais, e onde os fidalgos moços costumavam aperfeiçoar a sua educação. Ali não tardou muito em mostrar o seu abalizado talento, e rarissimo genio para a poesia, contando apenas, segundo a opinião mais verosimil, vinte annos de idade.

Como tinha uma imaginação romantica, e um coração extremamente sensivel, experimentou facilmente o fôgo do amor, quando ali viu D. Catharina de Atayde, ornada de tantas graças e formosura; como elle mesmo a descreve no seguinte soneto:

«Um mover d'olhos brando, e piedoso,
«Sem têr de quê; um riso brando e honesto,
«Quasi forçado; um doce e humilde gesto
«De qualquer alegria duvidoso;

«Um despejo quieto, e vergonhoso;
«Um repouso gravissimo, e modesto;
«Uma pura bondade, manifesto
«Indicio d'alma limpo, e gracioso;

»Um encolhido ousar; uma brandura,
«Um medo sem têr culpa, um ar sereno;
«Um longo e obediente soffrimento;

«Esta foi a celeste formosura
«Da minha Circe, e o magico veneno
«Que póde transformar meu pensamento.»

Esta senhora era dama do paço, onde os entretenimentos amorosos eram prohibidos por leis mui severas; e foi isso que pretextaram para desterrar o infeliz amante.

Pg. 63.

E d'amor um lindo arpejo
A Natercia (*) dedicou.

(*) Anagramma que Camões fez ao nome da sua querida, cujo amor lhe inspirou a maior parte das lindissimas poesias que fez no seu desterro de Ribatejo.

Pg. 63.

Longe da patria lutando
Se viu depois pela fé.

Camões, tendo acabado o seu degredo, seguiu a vida das armas, e foi servir em Africa. Passou a Ceuta; e, assistindo a differentes encontros, se houve sempre com extremado valor, especialmente n'um combate naval no estreito de Gibraltar, onde ao lado de seu pai, que era commandante d'uma das náos, foi ferido por uma bala dos mouros, de que lhe resultou a perda do olho direito.

Voltou a Lisboa; e ali nem sequer por aquelle honroso ferimento foram remunerados os seus serviços!

Pg. 64.

Navegando pelos mares
De medonhos escarcéos,
Do Ganges vira os palmares,
E da India adusta os céos!
Em meio de soffrimentos,
De desgostos, de tormentos...

Os talentos de Camões haviam produzido na côrte, em vez de satisfação, grande inveja! e elle farto de ultrajes, orphão de pais, já

sem bens de fortuna, e talvez para não comprometter mais a sua amada, deliberou passar á India. Para este fim se alistou novamente, embarcando na náo de Francisco Alvares Cabral, que das quatro, que conjuntamente partiram, foi a unica que lá chegou, depois de têr soffrido grandes tormentas.

Desgostosamente deu um adeos á sua patria, deixando nella metade da sua alma, e as mais doces recordações.

«Aquella desejada, e longa terra,
«De todo o pobre honrado sepultura.»

Pg. 64.

No fêro Barreto teve
Um cruel perseguidor!...
Por est'homem desalmado,
A' vil torpeza entregado,
Foi ao desterro mandado
Dos poetas o primor!!

Camões, fazendo parte d'uma armada, que sahiu de Góa commandada por Manoel de Vasconcellos, a fim de esperar, e combater as náos dos mouros na bocca do mar Rôxo, voltou áquella cidade, depois d'a esquadra têr pairado infructuosamente defronte do cabo Guardafu até se lhe passar a monção, e têr invernado em Ormuz no gôlfo Persico.

Logo que ali chegou, soube que tinha fallecido o vice-rei D. Pedro Mascarenhas, e que o governador Francisco Barreto o succedêra.

Camões vendo então os nossos antigos e briosos costumes completamente degenerados, e a gente portugueza dada á devassidão, não póde deixar de indignar-se. Escreveu uma satyra intitulada *Disparates da India*, que quizeram chamar libello, quando ali não existia censura individual! Pela mesma occasião appareceram uns pasquins, contendo prosa e verso, que mofavam das ridiculas festas, que alguns aduladores do novo governador lhe tinham feito; e não obstante o deixar de se encontrar nessa mofa o menor indicio do grande engenho de Camões, o consideraram como auctor della.

Francisco Barreto, vendo apregoados vicios de que era motor, e sendo estupidamente guiado pelos seus aduladores, encolerisou-se contra Camões, que immediatamente desterrou para as Ilhas Molucas: mas elle teve tanta grandeza d'alma, que nunca manifestou o menor resentimento contra a offensa, que recebêra do imbecil e barbaro governador. Porém é justo que se transmitta á posteridade com o ferrete da ignominia o nome deste malvado, que assim perseguiu aquelle que eternizou a nossa gloria, fazendo-o discorrer por Malacca, pelas Molucas e por Macáo.

Pg. 65.

Depois tendo naufragado,
Tudo perdeu, mas salvou
O livro seu, que molhado
Pelo salso mar ficou!

O vice-rei D. Constantino de Bragança, chegando á India, succedeu no governo a Francisco Barreto; e pouco tempo depois levantou a pena do degredo a Camões. Este, voltando de Macáo para Gôa, naufragou na costa de Camboja, junto á foz do rio Mecom. Ali perdeu tudo quanto tinha, podendo apenas salvar-se a nado com o manuscripto do seu poema.

Pg. 65.

Em Gôa menos pungido
Foi do severo penar!
N'um guerreiro esclarecido (*)
Vin seu anjo tutelar.

(*) Allude a D. Constantino de Bragança, que desveladamente protegeu Camões, o qual, logo que chegou a Gôa, dedicou ao vice-rei, como signal do seu reconhecimento, umas lindissimas oitavas, onde censurou brandamente os abusos do governo transacto, e louvou a D. Constantino por ter feito acabar a immoralidade.

conselheiros era afastal-o d'homens sensatos e honrados, para se apoderarem do animo juvenil do rei, que apenas contava dezaseis annos de idade.

Quando em fim Camões apresentou ao monarcha aquelle engenhoso poema, onde lhe dava os mais judiciosos conselhos, foi Martim Gonçalves da Camara quem lhe arbitrou a redicula tença de quinze mil reis cada semestre, lançando assim uma vergonhosa macula sobre a nação portugueza, por deixar morrer á fome o inclyto varão, que com o seu nativo valor sempre combateu a prol da patria, e que nos seus sublimes cantos immortalizou o nosso nome!

A estes mesmos insensatos se deve attribuir a causa dos grilhões que Portugal rojou no espaço de sessenta annos, por terem privado o joven rei de escutar os bons conselhos do seu venerando ayo D. Aleixo de Menezes, que anciosamente desejava dissuadil-o da infausta expedição d'Africa.

Camões nos ultimos annos da sua vida habitou um pequeno quarto de uma casa proxima á igreja de Sancta Anna na pequena rua, que conduzia ao convento dos jesuitas. Ali soffreu as mais dolorosas privações, chegando até a subsistir das esmolas que um escravo, chamado Antonio, que elle tinha trazido de Jaba, mendigava durante a noite pelas ruas de Lisboa.

Jazendo n'um miseravel leito, recebeu a noticia do funesto fim da expedição d'Africa, e da morte do senhor D. Sebastião; e, prevendo o máo futuro que ameaçava esta nação, exclamou energicamente:—«Ao menos morrerei com ella!»—Este dito tão heroico revela-nos o verdadeiro amor que elle ainda consagrava á sua patria, nobre sentimento que o acompanhou á sepultura.

Atormentado com esta noticia, e desamparado de todos, foi parar a um hospital, onde no anno de 1579 morreu em total esquecimento, legando-nos os *Lusiadas* como unico monumento da sua memoria.

SAUDADE E ESPERANÇA.

Pg. 70.

Por ti só suspiro tão fundos suspiros,
Que iguaes de minh'alma jámais suspirei.

Garrett no seu Camões a pagina 199 diz: — « Viver a vida não « é redundancia viciosa, mas elegante figura de nossa linguagem. » — É no mesmo sentido que eu digo suspirar suspiros.

PRESENTIMENTO E SONHO.

Pg. 71.

Quando eu tive este sonho, apenas acabava de entrar na adolescencia; e confesso ingenuamente que nesse momento não julguei que podia sobreviver ao meu amigo Luiz Caetano de Souza. Fomos condiscipulos, e mutuamente amigos verdadeiros desde bem tenra idade.

AS LINHAS D'ELVAS.

Pg. 107.

Quando comecei a tratar da publicação dos meus ensaios poeticos, resolvi compor este pequeno poema, não só para condescendêr com a vontade do meu caro Amigo o Ill.^mo^ Sr. Ezequiel Candido Augusto Cezar de Vasconcellos, mas tambem por me lembrar que, tratando elle de um facto da nossa historia, que por certo decidiu da sorte de Portugal, firmando a conservação do reino, e consolidando a segurança da independencia nacional, devia a sua leitura enteressar a todo o bom portuguez, especialmente aos descendentes d'aquellas familias que tantas inclemencias soffreram dentro das linhas d'Elvas. Vai em linguagem vulgar, por eu entender que assim está mais accessivel a todas as intelligencias; e vai nú de episodios,

Durante o curto tempo do vice-reinado deste magnanimo guerreiro viveu Camões tranquillamente.

Pg. 65.

E por outro traiçoeiro (*)
Viu-se atrozmente aviltar!!...

(*) Allusão a Pedro Barreto, governador de Sofala, o qual encontrando Camões, quando este buscava os meios de voltar á patria por já têr completado o seu poema, lhe rogou que se demorasse mais algum tempo, e lhe fez grandes promessas de o acompanhar; ao que Camões infelizmente annuiu.

Conjectura-se que foi por estes tempos que elle recebeu a funesta noticia da morte da sua amada.

Pedro Barreto, vendo que Camões estava seu dependente pelas despezas que havia feito com elle, principiou a tratal-o como o mais infimo servo!

Diogo do Couto, e outros fidalgos amigos de Camões, abordando a Moçambique na náo Sancta Fé, depararam com elle já reduzido á mais triste miseria; o que bem se deprehende do seguinte soneto, que é um dos que elle fez naquella inhospita terra:

«Oh como se me alonga d'anno em anno
«A peregrinação cançada minha!
«Como se encurta, e como ao fim caminha
«Este meu breve, e vão discurso humano!

«Mingoando a idade vai; crescendo o damno;
«Perdeu-se-me um remedio, que inda tinha:
«Se por experiência se adivinha
«Qualquer grande esperança é grande engano.

«Corro após este bem, que não se alcança;
«No meio do caminho me fallece:
«Mil vezes caio, e perco a confiança.

Quando elle foge, eu tardo; e na tardança,
«Se os olhos ergo a vêr se ainda apparece,
«Da vista se me perde, e da esperança.»

Luiz de Camões, aproveitando este feliz ensejo de se juntar aos seus antigos amigos, se preparou para embarcar na referida náo, mas o vil governador o embargou pelas despezas que havia feito com elle; porém os ditos fidalgos immediatamente indemnizaram o avarento, e trouxeram em sua companhia para Lisboa o malfadado Camões:

Pg. 66.

Volta á patria; e negra fome
Soffre pela ingratidão
Desse povo, cujo nome
Fez d'eterna duração!...
Da triste esmola vivia,
Que o jáo de noite pedia,
. . . . . ,
. . . . . .
Depois dessa repentina
Perda em Alcacer-quivir,
Seu coração vaticina
O mais funesto porvir;
. . . . . .
. . . . . .
E com a patria morrêra,
Sem poder mais resistir.
Foi c'um sentido lamento
Que ao abandono expirou!
Pois a ninguem seu tormento,
Ou morte sua importou!!

Quando Camões chegou a Lisboa, grassava nesta cidade uma mortifera epidemia, e todos os animos se achavam preoccupados com os aprestos para a expedição d'Africa.

Estas duas circumstancias muito lhe difficultaram os meios de apresentar a sua preciosissima obra a el-rei D. Sebastião.

O soberano, aconselhado pelo seu confessor o padre Luiz Gonçalves da Camara, e pelo irmão deste, Martim Gonçalves da Camara, escrivão da Puridade, havia-se retirado para as provincias, a pretexto de se subtrahir á epidemia; mas o fim daquelles máos

Furtado, todos de terços pagos; Bernardino de Sequeira, Antonio de Sá de Menezes e Manoel de Souza de Castro, de auxiliares; Francisco Pacheco Mascarenhas e D. João Mascarenhas, conde da Torre, que tinham os terços nas guarnições das outras praças. Tambem se achavam na Praça os tenentes generaes de cavallaria Achim de Tamaricurt, Manoel Freire de Andrade e Gil Vaz Lobo com mil e quinhentos cavallos, que no principio do sitio sahiram pouco e pouco para fóra da Praça, ficando nella o commissario geral D. João da Silva com duzentos cavallos.

Pg. 116.

Onde se achava Vasconcellos preso
A'ordem da regente soberana,
Por têr de Badajoz o seu exercito,
Havia pouco tempo, retirado.

Tendo marchado d'Elvas João Mendes de Vasconcellos a 12 de Junho de 1658 por ordem da rainha regente com um exercito, composto de quatorze mil infantes, tres mil cavallos, vinte peças de artilheria e dois morteiros, a fim de sitiar Badajoz, effectuou o sitio, depois de têr superado grandes difficuldades. Ali grassava uma epidemia, que produziu uma grande perda no exercito portuguez, de sorte que quatro mezes depois se obrigou João Mendes de Vasconcellos a levantar o sitio, já por vêr uma grande parte do exercito atacada do contagio, já por sêr ameaçado pelo exercito castelhano, que tinha marchado de Madrid sub o commando de D. Luiz Mendes d'Aro, a fim de soccorrer Badajoz. Chegando a Elvas, mandou pelo seu exercito guarnecer as differentes praças do Alemtejo, deixando apenas em Elvas onze mil homens; e, depois que D. Luiz Mendes d'Aro passou a Portugal, foi preso por ordem da rainha, em consequencia de se haver retirado de Badajoz sem sua ordem; porém, respondendo a conselho de guerra, depois da batalha de 14 de Janeiro de 1659, foi absolvido por têr cohonestado o seu procedimento, continuando a merecer a estima da soberana.

Pg. 118.

O grande monte, aonde havia a ermida
Da senhora da Graça, não estava
Fortificado. . . . . .

Este monte ainda não tinha fortificação alguma, porque o forte chamado de N. S. da Graça, que hoje ali existe, foi principiado no reinado de el-rei D. José em Julho de 1763, pelo insigne engenheiro mr. Etienne, debaixo da direcção do illustre Marechal general conde de Lippe, que reorganizou, e commandou o nosso exercito na guerra de 1762 contra os reis de Hespanha Carlos III, e de França Luiz XV; e concluido no anno de 1792 pelo distincto general Valleré, que fez varias modificações e addições ao primitivo projecto, segundo consta do Elogio Historico, composto por sua filha D. Maria Luiza de Valleré. Esta fortificação é maravilhosa e formidavel; e com a sua construcção despendeu-se setecentos sessenta e sete contos cento noventa e nove mil noventa e nove reis.

Pg. 119.

Começaram quarteis. . . . .

O primeiro quartel ficava entre a Fonte dos Ferradores e Val-de-Revelles na direcção da Atalaia da Torrinha; o segundo em Val-de-Marmello para o lado da Atalaia de Sosna; o terceiro em Cossena, estendendo-se desde a estrada de Villa Boim até á Meza d'El-rei, que fica na antiga estrada de Estremoz; e o quarto na Bargada, que fica para a parte de Campo-Maior.

A cavallaria e infanteria foi destribuida regularmente por todos os quarteis, ficando maior força de cavallaria no terceiro quartel, em consequencia de ser aquelle sitio de maior suspeita por se achar em frente das praças de Estremoz e Villa-Viçosa.

porque n'um curto espaço de tempo, em que restringi o trabalho d'elle, apenas me foi possivel poetizar simplesmente o que a este respeito escreveu o benemerito Conde da Ericeira, e consultar ligeiramente algumas obras d'outros auctores que tratam do mesmo assumpto; as quaes chegaram ao meu poder pelos esforços do dito meu Amigo.

Seja-me permittido agradecer-lhe aqui um tão obsequioso serviço, pelo qual acredite o meu Amigo que jámais deixarei de sêr reconhecido.

Pg. 110.

A rainha Luiza, mãi d'Affonso,
De Portugal o reino governava.

Tendo fallecido el-rei D. João IV a 6 de Novembro de 1656, subiu ao throno seu filho D. Affonso VI, mas, como apenas contasse treze annos de idade, ficou governando o reino na sua menoridade sua mãi a rainha D. Luiza. Esta regencia acabou em 1662, por têr el-rei a idade propria de assumir as redeas do governo.

Pg. 110.

Quando dom Luiz d'Aro no Alemtejo
Com exercito grande entrou soberbo.

A 15 de Outubro de 1658, por mandado de el-rei D. Filippe IV de Castella, se alojou junto ao rio Caia do lado de Portugal D. Luiz Mendes d'Aro, marquez del Carpio, conde-duque d'Olivares, seu valido, seu estribeiro mor, e chancellêr mor das Indias Orientaes com um exercito, de que elle era capitão general, composto de quatorze mil infantes, cinco mil cavallos, e o correspondente trem de artilheria. Era governador das armas D. Francisco Tutavilla, duque de S. German; mestre de campo general D. Rodrigo Muxica; general da cavallaria D. Pedro Giron, duque d'Ossuna; generaes

de artilheria D. João Pacheco, D. Gaspar de la Cueva, e D. Ventura Tarragona.

Pg. 114.

P'ra cujo fim tomaram o mosteiro
De S. Francisco, donde enfermo estava
O conde camareiro. . . . . .

Este mosteiro, que era habitação solitaria, e religiosa dos frades capuchos da provincia da Piedade, existia a pouca distancia da Praça. Tinha-se recolhido ali, a fim de se tratar em ares de campo; João Rodrigues de Sá e Menezes, conde de Penaguião, que havia sido camareiro mor, e conselheiro d'el-rei D. João IV, e seu embaixador extraordinario na côrte de Inglaterra.

Pg. 115.

Vasconcellos que a Praça governava. . .
. . . . . .

João Mendes de Vasconcellos era governador da Praça d'Elvas e commandante do exercito na provincia do Alemtejo. Achava-se nesta Praça D. Sancho Manoel de Vilhena, que, sendo governador das armas na provincia da Beira, havia marchado de Penamacôr, onde residia, para o Alemtejo, com o fim de exercitar o posto de mestre de campo general. Igualmente se achavam ali André d'Albuquerque, mestre de campo general e general da cavallaria; Affonso Furtado de Mendonça e Pedro Jaques de Magalhães, generaes de artilheria; D. Francisco de Souza, conde de Prado, do conselho de guerra de sua magestade; Fernando da Silveira, que era tambem do conselho de guerra, e que tinha sido almirante da armada real; D. Luiz d'Almeida, que tinha sido governador do Rio de Janeiro; os mestres de campo Diogo Gomes de Figueiredo, João Leite d'Oliveira, Agostinho de Andrade, Simão Corrêa da Silva, Luiz Alvares de Tavora, conde de S. João, e Diogo de Mendonça

Pg. 135.

Um conselho para isso congregado

O conselho foi composto de André de Albuquerque, D. Rodrigo de Castro, Affonso Furtado de Mendonça e Conde da Feira.

Pg. 135.

No qual foi decidido que o ataque
Pela parte dos Murtaes devia dar-se.

A opinião de Diogo Gomes de Figueiredo foi adoptada pelo conselho talvez pelo seu posto ser superior ao de D. Luiz de Menezes, que com tanto acerto havia discursado; porque o bom resultado que tirou o exercito portuguez de tão imprudente e temerario intento só se deve attribuir á obra do acaso, e não ao parecer daquelle general, que de certo guiava o exercito mais para a ruina, que para a gloria. A este respeito diz o Conde da Ericeira:

«Seguiram todos atacarem-se as linhas pelo lado dos Murtaes, «sem prevalecer a consideração de se poder achar, como devia sup-«por-se, o exercito de Castella formado dentro da linha á nossa op-«posição; experiencia que totalmente difficultava este intento, ou «porque a sciencia militar até aquelle tempo não tinha mais exercicio «que o do valor; ou porque a Providencia divina, querendo mani-«festar a sua misericordia, desviava os discursos prudentes, para «que triumphando as armas portuguezas pelos caminhos menos acer-«tados, não perigasse na vaidade o agradecimento.»

Pg. 137.

Em onze de Janeiro o nosso exercito,
Ao despontar o alvor da madrugada,
Partiu lá d'Estremoz. . . . . .

Achando-se o exercito de soccorro provido de todo o necessario

para tão grande intento, partiu de Estremoz em 11 de Janeiro de 1659, commandado por D. Antonio Luiz de Menezes, terceiro conde de Cantanhede. (*) Era seu mestre de campo general com titulo de primeiro, e com exercicio de general de cavallaria André d'Albuquerque; exercitava o cargo de mestre de campo general D. Rodrigo de Castro, conde de Misquitella; occupava o posto de capitão general de artilheria Affonso Furtado de Mendonça; eram tenentes generaes de cavallaria Achim de Tamaricurt e Diniz de Mello de Castro, que pertenciam á provincia do Alemtejo; Manoel Freire de Andrade e Gil Vaz Lobo, que pertenciam á provincia da Beira; e Pedro de Lalanda, que pertencia á provincia do Algarve; eram commissarios geraes de cavallaria João da Silva de Souza e João Vanichele; constava a infanteria de oito mil homens, sendo dois mil e quinhentos pagos, e os mais de auxiliares e ordenanças, divididos em dezaseis terços, os quaes eram commandados pelos mestres de campo Pedro de Mello, D. Manoel Henriques, Antonio Galvão, Fernando de Mesquita Pimentel, Bartholumeu de Azevedo Continho, Gabriel de Castro Barboza, Luiz de Souza de Menezes, Luiz de Mesquita Pimentel, Alvaro de Azevedo Barreto, Antonio de Sá Pereira, e Gregorio de Castro de Moraes. O terço de Manoel Velho, que havia fallecido em Estremoz; era commandado pelo tenente de mestre de campo general Affonso de Barros Torvão; o de Mertola, pelo capitão mor Lucas Barrozo Sembrano; o de Moura, pelo sargento mor Baltazar de Sá de Souto Maior; o do conde da Torre, pelo sargento mor Manoel Nunes Leitão; o de Francisco Pacheco Mascarenhas, pelo sargento mor Manoel da Silva Dorta. Serviam os postos de tenentes de mestre de campo general Diogo Gomes de Figueiredo, Manoel Lobato Pinto, e Acenço Alvares Barreto. Constava a cavallaria de dois mil e quinhentos cavallos, e quatrocentas égoas; e era composto o trem de artilheria de sete peças de cam-

(*) Em 1664 foi nomeado marquez de Marialva por el-rei D. Affonso VI.

panha com o necessario material. Na retaguarda do exercito marchavam duas mil cargas de munições e mantimento, e duas mil cabeças de gado para se introduzir em Elvas logo que fôsse possivel.

Pg. 138.

E a noite passou feia e tenebrosa
Em campos nús de relva á neve, ao frio.
. . . . . .

O exercito portuguez no dia em que sahiu d'Estremoz, pernoitou em Alcaraviça; no dia doze, atravessando a Atalaia dos Matos (hoje dos Correlinhos,) alojou-se na Rebola; no dia treze marchou em direcção ao alto da Atalaia dos Sapateiros, onde a vanguarda desalojou um batalhão de castelhanos, que havia sahido dos quarteis, a fim de reconhecer a marcha da nossa tropa; e em acto contiguo appareceu nas collinas da Açomada.

Pg. 142.

De tér sido o inimigo reforçado
Com tropas a cavallo e com infantes.

Constava este reforço de tres mil infantes e quinhentos cavallos.

Pg. 155.

. . . . . preciosas
Alfaias e riquissimos adreços!

O Conde de Cantanhede concedeu estes magnificos despojos aos soldados pelo insano trabalho que tiveram na batalha.

Pg. 157.

Ordenou Cantanhede que o cadaver
D'Albuquerque se desse á fria terra
Com funorareas honras militares
Como a sua memoria requeria.

O conde da Ericeira diz deste famoso general o seguinte:

«O Mestre de Campo General e General da Cavallaria André de

«Albuquerque, em que acabou um varão de tão singulares virtudes, «que do exercicio de soldado, que teve principio na guerra do Bra- «zil, ao de General, passando por todos os postos, não teve acção «alguma que deslustrasse infelice accidente; porque obedecendo, «excedia na diligencia virtuosamente aos preceitos, e mandando, «ensinava a não errar com summa prudencia aos que lhe obede- «ciam. Grangeou geralmente com todos os que teve trato amor e «respeito, porque era igualmente affavel, e severo. Distribuia os «premios iguaes aos merecimentos, e castigava os delictos, como «pedia a qualidade delles, e desta sorte conseguindo o affecto dos «que favorecia, não padecia o odio dos que castigava. Teve valor «insigne, excellente descripção militar, e experiencia toda a que se «podia colher dos successos que houve até aquelle tempo na guer- «ra do Alemtejo. Soube temer a Deos, venerar os seus principes, «amar a sua patria, até entregar a vida pela libertar. Tinha agra- «davel gentileza, usando sem artificio de traje magnífico: era ga- «lhardo, de estatura proporcionada. Morreu de trinta e nove «annos, concertado a casar com D. Anna de Portugal, filha segun- «da de D. João d'Almeida.

Pg. 157.

De Portugal, e de Castella aos mortos
Se deu a sepultura necessaria;

Os portuguezés que morreram na batalha foram o mestre de campo general André d'Albuquerque, o mestre de campo Luiz de Souza de Menezes, os capitães de cavallaria João Ferreira da Cunha, e André Gatino, dez capitães d'infanteria, dois ajudantes, dez alferes, e cento e setenta e sete soldados. Ficaram feridos os mestres de campo Conde de S. João, Conde da Torre, Simão Corrêa da Silva, Bartholumeu d'Azevedo Continho, Antonio Galvão, os tenentes de mestre de campo general Acenço Alvares Barreto e Luiz Francisco Barém, quatro sargentos mores, um ajudante de tenente,

vinte e trez capitães d'infanteria, oito ajudantes, vinte e dois alferes, trinta e dois sargentos e seiscentos soldados.

A perda que os castelhanos tiveram nesta tremenda batalha foi uma das maiores que até aquelle tempo haviam experimentado; porque, tendo chegado o seu exercito pelos continuos reforços, que recebia de Castella, ao numero de trinta e seis mil homens, achou D. Luiz Mendes d'Aro para defender as linhas no dia da batalha quatorze mil infantes, e trez mil e quinhentos cavallos, e, passando-se revista de mostra em Badajoz no dia successivo ao da batalha, apenas se encontraram cinco mil infantes, e mil trezentos cavallos, e muitos destes morreram pouco tempo depois de enfermidades, que haviam adquirido no rigor do inverno pelas incommodidades do sitio. Entre os mortos e prisioneiros se notaram muitos cabos maiores, mestres de campo, tenentes generaes, tenentes de mestre de campo general, commissarios de cavallaria, sargentos mores, capitães de cavallaria e infanteria, diversos fidalgos dos mais illustrados daquella monarchia, e officiaes reformados. Perderam dezasete peças de artilheria, trez morteiros, cinco petardos, trez trabucos, todo o trem de artilheria, muitas bandeiras, quinze mil armas e todos os mantimentos e munições, que tinham junto para sustentar o exercito e expugnar a Praça que cercavam.

Para commemoração desta gloriosa victoria foi fundada por ordem de el-rei D. Affonso VI uma ermida dedicada a S. Jorge sobre um oiteiro, que se acha a pouca distancia d'Elvas no sitio dos Murtaes. Tinha um capellão com dezaseis mil reis cada mez, a fim de dizer ali missa e rezar um responso quotidianamente pelas almas de todos os que morreram na batalha. O anniversario da victoria era ali celebrado com solemnidade, a cuja festa concorria muita gente. Esta ermida é vulgarmente conhecida pelo nome de Sancto Amaro, não só pelo facto de lá existir a imagem deste sancto, mas tambem porque a festa do anniversario da victoria era celebrada na vespera do seu dia. Hoje já não tem capellão, comtudo nos do-

mingos ainda ali se diz uma missa, e na tarde do dia em que se fazia a festa é visitada por alguns habitantes d'Elvas, que lá vão em romaria.

Por ordem do mesmo soberano foi erigido um monumento apouca distancia daquella ermida para o lado da estrada de Barbacena. E'uma columna marmorea da ordem toscana, que está collocada n'uma base de trez degraos tambem de marmore. Sobre o capitel tem uma corôa real, e no pedestal a seguinte inscripção:

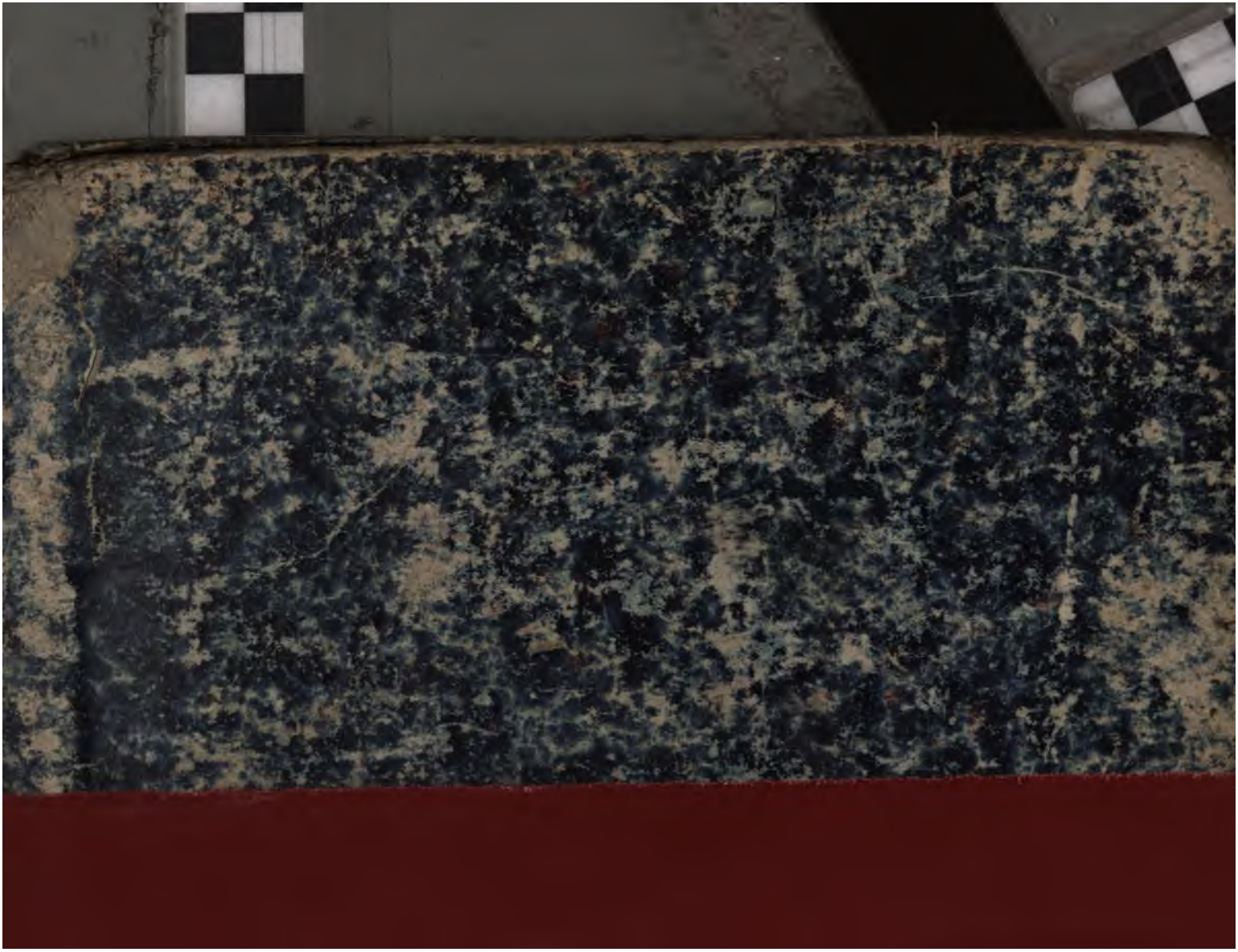
«No anno de 1659, Reynando em Portugal D. Affonso o Sexto, «em terça feira 14 de Janeiro do mesmo anno, D. Antonio Luiz de «Menezes, Marquez de Marialva, Capitão General d'esta Provincia «do Alemtejo, introduziu soccorro na Praça e Cidade d'Elvas, que es- «tava citiada por Dom Luiz de Haro, Capitão General d'Estremadura, «primeiro Ministro d'El-Rey Filippe o quarto, atacando, rompendo, «desmantelando, e ganhando a circumvalação inimiga artilheiria, «bagage, munições, e Secretaria, e tomando muitos Cabos, e pri- «zioneiros. Esta memoria se pôz, para que os mortaes dêm graças «ao Senhor dos Exercitos e Victorias, róguem pelas almas dos que «se achárão, e déram as vidas em tão singular, e profiada batalha, «que durou desde as nove horas da manhem, até se çarrar a noite.»

OBSERVAÇÃO.

É mister ponderar ao leitor que as poucas e pequenas faltas, tanto de orthographia, como de symetria, que se notam neste livro, nasceram de têr sido feita a sua impressão n'uma páiz estrangeiro, sem que nós assistissemos aos trabalhos do prelo.

Stanford University Libraries
3 6105 124 449 823

PQ
9261
C484 E1

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.